

OFÉLIA e NARBAL FONTES

SEM NOITES TAPUIAS





I

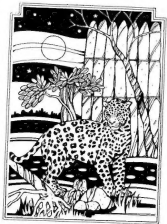
O FILHO DO GARIMPEIRO

A margem dos rios diamantíferos, isto é, daqueles em cujas areias existem diamantes, reúnem-se homens audaciosos e aventureiros animados por uma grande sonho: o encontro de pedras valiosas.

Quinceas Vendado era um desses garimpeiros. Levava uma vida de pobre, vida difícil e sem conforto, em sua rancho humilde, mas uma esperança entusiasmante o coraçào: um dia — e quem sabe não estaria perto? — um achado precioso o arrancaria daquela miséria. E então haveria de beneficiar os sacrificios corajosamente feitos! Vira chegar a vez de muitos compatriotas. Outros viriam chegar a sua.

A fortuna podia demorar um pouco, mas sempre vinha. A sorte experimentava a paciência dos garimpeiros; as compensações que oferecia, porém, pagavam tudo. O que era preciso era trabalhar continuamente, sem deslucido. E Quinceas Vendado era pertinaz.

Trabalhava no Rio Poçoeta e morava com seu filho Quinquim perto da mata virgem, tão perto que, à noite, ouvia miados de onça rondando o curral, que era feito de grossos pauz bem unidos e fechado por cima como uma jaula.



Alcoracem são povos de muita coragem, que correm muitas vezes milhas de água buscando o caual.

Certas noites, o atrevimento da "pintada" pastava de corça, e vacas, bezerras, cavalos, cabritos e galinhas faziam um alarido medonho. Quinças Vendelino abria então a janela e dava tiros de carabina para o ar, afugentando a fera. Tudo silenciava a seguir e os animais repousavam tranqüilos até amanhecer.

Na casinha, apesar de coberta de sapê, pai e filho se sentiam seguros. E o menino se acostumara, de tal modo, às visitas noturnas da "pintada", que se sentava na rede ao ouvir o miado, à distância, e avisava o pai:

— Pai! Já vem o gatião!

— Dama sonagado, meu filho. Não tenha medo que aqui ele não entra, respondia-lhe o garimpeiro, enquanto examinava os cristais que colhiera durante o dia, mergulhando no Rio Posseiro.

Quinques vivia naquelas seridas de Mato Grosso desde os três anos. Aos seis, perdera a mãe, de uma febre palustre. E sua vida mudara muito: ela lhe contava interessantes histórias serenas e o embalava com cantigas tapaitas, de que ele gostava imensamente.

— Mãe, cante aquela do serlope dorminhoco, ele pedia, assim que as pálpebras pesavam de sono.

E ela, balançando-lhe a rede, cantava numa voz doce e serena:

— *Aratipare, ipare*
Nerupetã itavama.

Repente o canto, cada vez mais balalabe, até que o menino adormecia.

Mas o que lhe causava maior prazer era ouvir as lendas e histórias tapaitas. Nunca se cansava da história da filha da cobra-grande, que mandou buscar a noite na casa de seu pai; do curandim que subia ao céu nas asas de uma andorinha; dos macaquinhos da boca preta, que nunca achavam tempo para fazer sua casa;

da moça que queria a estrela da tarde, para brincar com ela.

Com a morte da mãe, Quinquim entristeceu e ficou machoso. Todas as noites chorava com saudade dela. Sentia falta de seu carinho, de suas castigas doces, de suas histórias maravilhosas.

Quincas Venâncio tudo fazia para alegrar o filho. Levava-o todas as manhãs ao rio, onde inúmeros garimpeiros trabalhavam com ele. O menino ficava entretido, vendo aqueles homens valentes e ambiciosos à cata de pedras de diamantes, no leito profundo das águas. Mas o que mais o impressionava era ver o pai meter-se dentro de um escafandro e mergulhar em algum poço de rio. Naquela vestimenta impermeável e frouxa, com botas de grossas solas de chumbo, couraça e máscara de metal, parecia um verdadeiro fantasma... E Quinquim ficava pensando na curiosidade que deviam ter os peixes, diante daquele homem estranho, que tinha quatro janelinhas envidraçadas na cabeça, por onde podia respirar...

A princípio tinha medo que o pai morresse afogado. Quincas Venâncio, porém, explicava-lhe que dentro do escafandro não entra água e por isso o escafandrista não se afoga. Mas poderia ocorrer acidente se a bomba, de repente, deixasse de funcionar. Essa bomba, instalada à margem do rio e ligada ao escafandro por meio de um tubo, é que fornece ar ao mergulhador; seu trabalho, portanto, precisa ser regular, constante e dirigido por um bombeiro de confiança.

Distraindo com o perigoso trabalho do pai, Quinquim se portava, durante o dia, como um verdadeiro homem. Andava de pé para lá conversando com os garimpeiros, ajudando-os, chamando-os por apelidos engraçados, e colecionando os selos antigos e coloridos, parecidos com ovos de aves que eles lhe traziam sempre estavam de volta à tona d'água.

Com sua alegria e graça, conquistara o coração daquelas rudes homens sem família, que acabaram querendo-lhe bem como a um filho. E não sabiam trabalhar sem a sua companhia.

À boca da noite, voltava com o pai para casa e já não era o mesmo; tinha medo de sombras, via jaguetes escondidos nas rochas e o seu da usinara lhe parecia um chamado de alma do outro mundo.

— Que é que você tem, meu filho, que anda tão medroso? Você nunca foi assim, dizia-lhe o pai, impaciente.

Mas Quinquim também não sabia explicar. E em casa, seu nervosismo piorava. À hora de dormir, chorava sempre de cortar o coração. E muitas vezes despertava durante a noite, assustado, gritando pela mãe... Quincas Venturoso não sabia mais o que fazer para consolar o filhinho... Perdia horas de sono pensando num meio de curar o menino daquelas terríveis noções... Supersticioso como era, acreditava em mau-olhados, quebrantos e outras fantasias populares. Quinquim era, para o sertanejo, o garotinho mais esperto e bonito do mundo! E poderia estar sofrendo em consequência da feitiçaria de alguma pessoa invejosa, ele pensava.



II

A PROFESSORA BURORA

CERTO dia, um mergulhador chamado Chico Fongá disse a Quincas Vendácio:

— Você é um homem de sorte!

— Não sei por que diz isso. Só tenho achado diamantinhos de pouco valor. Você, não, é que já apurou dois daqueles azulezinhos como água de querosene... respondeu Quincas Vendácio.

— Que adiantou isso?! Não tenho família, vivo sozinho neste mundo de Deus! Ao passo que você tem um filho que é uma graça, corajoso e alegre como um periquito-ver!

Quincas Vendácio soltou um suspiro e respondeu, olhando para o filho que fazia uma força durada, ajudando a tocar a bomba de ar:

— Ah! meu amigo, você tem razão. Quinquê, não é por ser meu filho, mashe a vida da gente. Mas só é alegre de dia. De noite entristece e chora como um urutu agourento...

— Por quê? indagou Chico Fongá, admirado.

— Sei lá! Talvez saudade da mãe... Desde que ela morreu que ele chora assim.

— Sente falta dela, coitado! Carinho de mãe não tem igual neste mundo. Quantos anos ele tem?

— Está beirando os sete.

— Então, está no ponto de ir para a escola. Quem sabe se não é isso que está lhe falando? Precisa companheiros de sua idade para brincar e uma boa professora para ensinar-lhe as primeiras letras.

— Mas como?

— Na Vila de Porcena, continua Chico Pongá, há uma professora que nasceu bugra mas ensina melhor que muita gente branca!

— Não acredito. Para mim, bugre e fera são a mesma coisa. São traiçoeiros e maus e não aprendem nada.

Você diz isso porque não teve convívio com índios e não conhece Joana Berora. Não sabe que coisa é ser ela! Quanta bondade e que sabedoria!

— Já ouvi falar sobre Joana Berora, educada pelos missionários desde menina. Mas nunca a vi. Quando vou à vila é sempre de corrida.

— Pois é pena. A escola dela é um pouco retirada e ela não tem tempo de passear pelas lojas. Está sempre ensinando: de dia as crianças, de noite os mais velhos. Não faz outra coisa. Também sua fama já chegou a Cotá, a Cachoeirinha, a Santo Antônio do Rio Abaixo e não há de esperar muito para chegar a Cabutá.

— Será que ela dava um jeito na tristeza do Quinquim?

— Na conta.

— Qual? Dói-do muito!

— Não conta experimentar.

— Está bem, Chico Pongá. Vou seguir o seu conselho. Este domingo darei um pulo a Porcena, com o meu garoto, a fim de conhecer Joana Berora, essa preta nascida no mato... Se você está dizendo a verdade, deixarei o menino com ela.

— Vá mesmo que não se arrependerá...

— Vai me custar muito, mas já que é para o bem dele... concluiu Quincas Vendício, prevendo a tristeza de seu rancho, sem aquele companheirinho preciso.



III

A DOENÇA

N a manhã seguinte, em um sábado, Quincas Vendício despertou muito cedo. Como de costume, apressou o café e tentou de acordar o filho que dormia a sono solto, todo encolhido na rede:

— Acorda, Quinquim! O café já está pronto!

Mas o menino deu um gemido, encolheu-se mais e não atendeu ao pai. Este, descorado, passou a mão pela testa do filho e murmurou apressado:

— Está com um febril! Será que ele apaschoa a malícia palatosa?

Dizendo isto, apressou uma casaca de café, cortou um pedaço de arga de fubá e veio oferecer ao filho, sacudindo-lhe o ombro:

— Você hoje está dorminhoco, Quinquim. Olhe aqui o café!

Mas qual! Ele nem dava acordo de si. O pai, apressado, sacudia-o com mais força até que ele se esti-

coza, dando um gemido, e abriu, por fim, os olhos. Quincas Vendicco aproveitou para insistir:

— Levante, Quinquim, está na hora! Vamos que hoje vou ensiná-lo a nadar e a mergulhar.

Por um momento, a tentação daquele convite fez brilhar os olhos de Quinquim. Logo, porém, fechando-os novamente, murmurou com uma voz cansada, diferente da sua:

— Agora não, pai, me deixe dormir mais um bocadinho.

— Você está doente, filho? perguntou-lhe Quincas Vendicco, passando-lhe a mão pela cabeça, carinhosamente. Sente alguma dor? alguma aflição?

— Não, pai; não sinto nada. Mas tenho sono... explique o mesmo. E dando as costas, encobriu-se outra vez e continuou a dormir.

Quincas Vendicco tomou o café preocupadíssimo. Não podia falar ao trabalho. Mas também não podia forçar e mesmo a acompanhá-lo, visto que estava indisposto. Que fazer? Não havia outro remédio senão deixá-lo sozinho em casa.

Foi de coração cheio de angústia que tomou essa decisão. Era a primeira vez que assistia isso. E só Deus sabia quantas vezes teria de acontecer o mesmo, enquanto não desse alguém para tomar conta da casa na sua ausência. Sua dura profissão não lhe permitia ficar no rancho quando o filho adoecesse, ainda mais porque de seu trabalho dependia o trabalho de muitos outros. E, entretanto, Quinquim era muito pequeno para ficar sozinho por aquelas paragens tão cheias de surpresas e perigos.

Mas não havia tempo a perder: amarrara no umbelhal o seu almoço, preparado de véspera, e foi despertar Quinquim de novo, fazendo-lhe muitas recomendações:

— Meu filho, você está com lombetas hoje porque não tem dormido direito estas noites. Então

durma bastante. Quando tiver fome, levante que seu almoço está pronto. E se tirar das panelas. Está cozido?

Quinquem olhou o pai, apertando os olhos, e respondeu bocejando:

— Estou, pai.

— Então está bem. Fique quietinho, descansando, que eu quero, na volta, conversar você só. E repeta, sorrindo para o filho: sãozinho, sim? Nada de doença, entendeu?

— Entendi, pai, respondeu Quinquem.

— Pois, então até de noite.

— Até, respondeu o menino em voz muito baixa.

Quincas Venturão foi até a porta, sentiu o coração apertado; e voltou de novo para perto da rede, para explicar ainda:

— Escute, Quinquem.

— Estou escutando.

— Vou fechar a porta e botar a chave por baixo. Quando eu voltar você abre pra mim?

— Abro, sim.

— E olhe, outra coisa: não abra a porta para ninguém, viu? Nem saia de casa. A "portada" também ronda durante o dia, quando está com muita fome. . . E você sabe que ela é muito atrevida!

— Sim, pai.

— Até a volta, então.

— Até a volta.

Quincas Venturão afastou-se sem pressa; saiu, fechou a porta por fora, passou a chave por baixo conforme combinara, e ainda parou um momento pensando que outras recomendações poderia fazer ao filho. Não lhe ocorreu mais nada e se afastou, de alma alina, a cantinho do Rio Paraíba.

Dentro do rancho humilde e sem conforto, Quinquem fechou os olhos e adormeceu de novo.



IV

O FELIZ ACHADO

QUINCAZ Vendado trabalhou com o escafandro a manhã toda. No fundo da corrente, estava os senos, mas seu pensamento estava no filho, cujo vultinho, encolhido na rede, não lhe saía dos olhos. Que teria o cotado? Já estaria de pé? Como se sentira sozinho?

Certa das dez horas, voltou à tona para almoçar. Estava cansado e triste. De longe, Chico Pongã desceu-lhe e veio comer o farnal a seu lado. Os garimpeiros já haviam notado a ausência de menino, mas não sabiam explicá-la. E Chico Pongã queria indagar dele. Por isso perguntou, sem entrar logo no assunto:

— Que tristeza é esta, Quincas Vendado?

— Estou sem sorte, Chico Pongã.

— Não dá mas pago a Deus! Basta pensar no filhinho que você tem para não poder falar assim.

— Pois é por de mesmo que eu digo. Imagine que amarelhou com febre e eu tive de debê-lo sozinho. Não sei como vai se arranjar.

— Ora, febre em criança é coisa corriqueira. Passa da noite para o dia. Amanhã estará bom.

— Acho que sim. Mas é que ele ficou só. Estou preocupado.

— Outra bobagem. Seu filho é um homemzinho, já sabe bem o que faz. Se fosse outro menino não diria nada. Mas Quemquem pode ficar só sem perigo. Não se preocupe. E agora, mudando de assunto, seu mergulho rendeu hoje?

— Não. E o seu?

— Souzente umas "formas" sem importância: um "Tejão", um "ovo-de-peroba", dois "lactos" e três "aralinhos", explicou Chico Fongá, enumerando pedras de várias cores, chamadas "sablões" dos diamantes porque às vezes são encontradas onde eles existem.

— Eu nem hei! Nem uma "protada" sequer, para consolar.

— Não importa, Quincas Venâncio. Nem sempre essas pedras à-toa querem cair que há diamante por perto.

— Isso sei eu. Mas, de qualquer forma, umas pedrinhas portadas, como essas que você achou, consolam a gente e dão esperanças de encontrar um grão, de primeira água!

— Qual! Não perca a esperança. Vá mergulhando e catando. Quando menos você esperar, acha um e fica rico!

Quincas Venâncio havia acabado de fazer a sua refeição. Ergueu-se então e respondeu:

— Nesse caso, vou mergulhar de novo para aproveitar o resto do dia, que hoje quero voltar mais cedo para casa.

Separaram-se. Quincas Venâncio meteu-se em seu casafandó e saiu na corrente.

Ao estardecer deu sinal a José Piquete que batia na costa da bomba. Este parou imediatamente o casafandista pela corda. Que iria suceder? Quincas Venâncio costumava demorar mais tempo em suas pesquisas. A surpresa de José Piquete aumentou quando viu que o comparsinha saía do aparchito pálido e trêmulo. E indagava assustado:

— Que é que houve? Está sentindo alguma coisa?

Quincas Venâncio moveu a cabeça negativamente e, apontando para uma vasilha em forma de fada que tinha na mão, mal pôde responder:

— Veja aí... no calombé...

João Piquete olhou curioso para o interior da vasilha que continha a colheita de cristais, traida do fundo do rio, e exclamou, entusiasmado:

— Viva Deus! Você está rico, Venâncio! Nunca vi tanto diamante justo!

— Não exagera, Piquete. O que você vê aí são alguns diamantinhos pequenos, uns "xibias" de pouco valor. E o resto são cristais sem valor. Mas, olhe: há um que vai me dar bom dinheiro.

— É este aqui, afirmou João Piquete, apontando um cristal do tamanho de um ovo de pomba e olhando-o contra o sol. Este aqui vale um milhão!

— Milhão de que, homem?

— Milhão de cruzeiros! De que havia de ser?

— Você está loucando, Piquete! Você está loucando. Examine o diamante mais uma vez e apresente! É um diamante de valor, está se vendo, mas não alcança esse preço.

— Quanto aposta?

— O que você quiser.

— Não, diga você!

— Está feito. Se este diamante valer um milhão, eu lhe dou, além da parte a que você me deu, mais dez mil cruzeiros. Fechado?

— Fechado! concordou João Piquete, cheio de alegria.

E apertaram-se a mão afetuosamente.

A conversa foi tão alvoroçada que atraiu outros garimpeiros, mergulhadores, bombeiros e bateladores. E em pouco, todo aquele rancho de aventureiros caía fortuna, em número de cinquenta, estava festejando a feliz descoberta de Quincas Venâncio.



*Jose Pagete excitat în intimitate. — Fie! cui mai,
 Frumuse! Nimeni în juru' distorsione poze!*

Chico Pongá foi o primeiro a examinar a pedra preciosa e a dar um apertado abraço ao seu amigo, perguntando-lhe:

— Eu não lhe disse, Venâncio, que você era um homem de sorte? É que sorte! Com esse diamante você não precisa mais mover uma palha! Pode dormir sossegado e criar o Quinquim na Capital.

Quincos Venâncio não respondeu. Todos queriam abraçá-lo, examinar a pedra, tocar na mão dele para "pegar" sorte... Afinal, um dos mais entusiasmados com a extraordinária novidade, exclamou convidando o grupo:

— Vámos a Pozosou festejar o sucesso, que o dia de hoje já está gasho!

— Vámos! concordaram todos, dando tiros de carabina para o ar.

— Mas eu, infelizmente, não posso, explicou Quincos Venâncio. Tenho que ir ver Quinquim, que deixou em casa, doente.

— Pois então vá vê-lo. Se ele estiver melhor, vamos levá-lo também, porque a festa é dele, disse Chico Pongá.

— Vá, insisto Pipeto, que nós o esperamos aqui.

Quincos Venâncio colocou os cristais numa capanga, numa bolsa de couro que costumava trazer a tiracolo, e partiu para casa correndo, mas não tão depressa quanto sua condição desejava.



V

MISTÉRIO!

QUANTAS Venâncio vinha botando a alma pela boca, mas só parou de correr quando chegou ao terreiro de casa. Tinha pressa de ouvir o filho para saber de sua saúde, mas estava também ansioso para dar-lhe a boa notícia! As preocupações com que saíra pela manhã misturavam-se agora com a alegria que lhe causara aquele achado precioso... De longe, porém, observou que a janela estava aberta e a porta encostada. E pensou: — O garoto me desobedeceu, abrindo a porta! Em todo caso é sinal de que já está bem. E correu pelo rancho, chamando-o:

— Quinquê! Meu filho! Estamos ricos! Achei um diamante grande, de primeira água! Um bombêrriol!

Enquanto falava, percorreu a pequena cozinha e não encontrou ninguém. Sobre o fogão de tijolos viu as panelas cobertas; destampou-as e, pela quantidade de comida, verificou que o filho almoçara com bom apetite, o que lhe causou prazer. Mas não pôde encontrá-lo o quanto antes. Quando Venâncio foi ao curral; procurou-o depois pelo paiol, pelas pagueiras que havia nos fundos da roça, gritando sempre:

— Quinquê! . . . Quinquê!... O Quinquê! ..

Nada! Ninguém respondia ao seu chamado. A tarde morria. Os pássaros voltavam aos ninhos e as ga-

linhas procuravam os poleiros. Onde teria se metido o ganso? perguntava a si mesma, intrigada, sem cessar suas buscas. Ah! com certeza estava no corpo, brincando com o pequeno monjão que ele próprio fabricara. Era pensamento o êxito, de esperança. Mas no corpo não via ninguém; as águas desluziam mansamente, só de quando em quando arrepiadas pela viragem da tardo. O silêncio era quase absoluto. Quisera Vendício releva o couro, sem saber o que fazer. Chameou, chamou e chamou... Nenhuma resposta! Deu batidas nas montas de "sua-branca", desorientando que o filho se escondera por trásquado. Só conseguiu esperar "almas-de-gato" que fugiam mais sô ruidosa, saltando pelas lambeções, para ir posar em montas mais distantes.

Foi, então, que De ocorreu uma idéia aterradora. O filho poderia ter entrado pela mata, atrás de algum parapeito, e a incrível "pistada" o teria, talvez, surpreendido. Quisera Vendício tudo fazer para afastar esse horrível pensamento, mas não o conseguiu. Correu, então, apressado, para casa, apastou a carabina que estava pendurada à parede, colocou o cinturão de balas, fechou a janela e a porta e entrou pela mata, guiando pelo filho. À medida que penetrava, porém, a escuridão ia aumentando e em breve parecia mais fechada. Fazendo porta-voz com as palmas das mãos, o pai, afinal, berava:

— Quemqum!... Quinquim!... Ó Quinquim... im!...

Sua voz relevava por entre os troncos. De vez em quando, parava um instante, na armada espera de uma resposta, uma guerra, um gemido, qualquer sinal enfim de que o filho ainda vivesse. Em vão! Só ouvia as batidas de asas e sussurros de vento, nas folhas.

Desesperado, Quisera Vendício voltou atrás, trouxe de barral o afardo marchado, betou-lhe os arreves, montou e partiu a galope na direção do Rio Poxorra.



VI

O RAPTO

Os garimpeiros o esperavam à margem do rio. E assim que o viram apontar na picada, sacaram as armas e o saudaram, segando o costume, com um diapasão cortado para o ar.

— Viva Joaquim Verâncio! gritou José Fiquete.

— Viva o nosso milicozão! bradou Chico Fongá.

E novamente descarregaram as armas. Mas qual não foi a surpresa de todos quando esperavam na expectativa de desapparecer Quincas Verâncio! Fez-se um silencio geral. Foi quando, sfocando as rédeas do animal, ele falou aos companheiros numa voz sarda, cerrando os dentes.

— Meus amigos! Aconteceu-me uma grande desgraça!

A roda fochou-se em torno dele. E perguntas choveram de todos os lados:

— Perdeu o diamante? indaga um.

— Quemzaim perdeu? interrogou outro.

— Eacornreu a roça devastada? quis saber um terceiro.

Quincas Verâncio meneou a cabeça e explicou:

— Mil vezes pior que tudo, perdi meu filho...



*În imaginea din dreapta, Povălușii (alături) sunt compunându-și
Noul cântec! Ascultă-mă, oare dragă!*

— Ou quem? perguntaram todos à uma voz.

— Sim, respondeu simplesmente o desolado pai.

— Mas como? Que house? Trêz um ataque de leber? Fervê-ac? indagaram de todos os lados.

Quemias Verdão, porém, fana grãos indesejos, demonstrando não saber explicar, o que deixava atrevidos os demais parumpiros. A mais razão, no entanto, contou com voz teimosa:

— Não posso dizer o que house, nem como foi. Só sei dizer que dentro é mesmo na rede, adormecido, perrengue, cula machô, e agora, ao chegar em casa, encontrou a porta aberta e tudo deserto. Chamei por ele e nada. Sei, procurei-o por toda a parte, no paroval, no correço e até dentro da mata e sem sombra dele! Não sei que fim o costadinho levou.

Chico Fongê, assutado como sempre, tentou reanimar o amigo:

— Não fale assim, Quemias Verdão, que seu filho aparece de uma hora para outra. Com certeza, curioso e travesso como é, foi dar um passeio e encontrou alguém que o levou à vida. Você sabe que ele é conhecido e querido de todo mundo.

— Não pode ser, Chico, evidentemente não pode ser. Acarantiz hoje pela machô recomendi-lhe que não saísse sem abruar a porta para ninguém. E ele é menino obediente.

— Mas você encontrou a porta atrevidada?

— Não.

— Encontrou alguma sinal de violência?

— Não. Até a chave ainda estava na porta.

— Estava? E do lado de dentro?

— De lado de dentro.

— Então? Não digo que foi o mesmo? Olhe, ele abriu a porta e saiu. E se saiu foi para algum lugar onde, na certa, está encolado.

— Encolado? É se a "putada" o pegou" onde-gou afito Quemias Verdão.

— Deixa de estar pensando em bobagem. Se da pegasse Quinquim, então não deixaria assim? Pelo menos sempre forma de furar pelo terreno. Não pensa mais nisso. O que precisavas fazer é procurá-lo antes que chegue a noite. E, voltando-se para os companheiros, Chico Pongá concluiu:

— Camaradas! Temos que ajudar o amigo Quinquim Verdão. Vamos juntos procurar nosso Quinquim?

— Vamos? concordaram os garimpeiros, sem hesitação.

E assim aqueles homens, que se dispunham a fazer, em conjunto, o achado de um extraordinário diamante, uniram-se para auxiliar um pai extremamente a procurar o seu filho perdido.



VII

NA VILA DE POXOREU

Quincas Verdão chorava de gratidão, diante da solidariedade de seus companheiros de trabalho. E não esquecia o animal. Chico Pongá, porém, era homem de iniciativa e tinha de levar adiante o seu plano. Por isso ordenou:

— A cantinho da vila? E, voltando-se para ele, acrescentou:

— Toque, Quercia Vendino! Vá na frente que nós vamos seguir a nova montaria e o alcançaremos logo.

E assim foi feito. Quando Quercia Vendino entrou na Vila de Potencia, cerca de cinquenta residentes o acompanhavam.

Era quase noite fechada. Os poucos habitantes da vila, ao entanto, não se haviam recolhido as suas casas: estavam adivelhados pela rua principal, diante do armazém de um antigo garmineiro, chamado Nico Marco. A cavallada vencia em alguns segundos a distância que a separava do local da aglomeração batendo, com estrepito, as ferraduras nas pedras do caminho. Quando os moradores da vila se voltaram, surpreendidos, já Quercia Vendino e seus anapides montavam e amarravam os animais a argolas de ferro, enfiadas na calçada ou em pequenos muros, e penetravam no recinto amurado por informações e novidades. Dois lampiões de querosene, colocados em cima do balcão, iluminavam as faces brancas daquela gente rústica. Em mangas de camisa, Nico Marco falava tão alto que parecia discursar. Mas, à chegada dos cavalleros, ficou silencioso. Passado um momento, porém, reconhecendo Chico Fongá e os demais companheiros, o consciante perguntou-lhes:

— Então já esqueceram da desgraça acontecida, não é?

Chico Fongá, percebendo que sucedera qualquer coisa que eles ignoravam, indagou:

— Que desgraça?

— Foi Joana Breira, a mãe de nossos filhos, foi hoje raptada pelos índios Xavante?

Houve um surto de assombro entre os cavalleros. E Chico Fongá, compreendendo o que se passava com Quercia, falou para Quercia Vendino com uma

expressão de piedade. Como se tivesse havido trans-
misão de pensamento entre os dois amigos, Quincas
Ventaccio o olhou no mesmo instante e falou, desani-
mado:

— Ah! agora já sei o que se passou com meu
filho: foi, também, raptado pelos índios!

Embora não tivesse falado muito alto, todos o
ouviram e uma nova emoção contagiou a assistência.
Nico Manco não se contém e pergunta:

— Seu filho desapareceu?

— Sim, confirmo Quincas Ventaccio, no auge
da aflição.

— Então, não tinha dúvida: teve a mesma sorte
da minha! disse o comerciante.

Mãe Chico Pongá queria esclarecimentos sobre o
que acontecera na vila. E indagou:

— Como foi o caso de Joana Bosora?

Nico Manco pôs a mão sobre o ombro de um me-
nino que estava ao seu lado e informou:

— Meu filho é que sabe como a coisa se passou.
Estava na sala, quando se deu o ataque, e chegou aqui
que nem podia dar palavra, de tanto corer! Voltando-
-se, então, para o menino, acrescentou:

— Conte, Antoninho, o que você viu, aqui para
os amigos...



VIII

O SACRIFICIO DE JOANA BORORA

ANTONIOSSO deu um salto para cima do balcão, sentou-se de pernas cruzadas, hesitou um pouco, olhando curioso aquelas folhinhas, fatigadas pelo trabalho e pela emoção, e começou a cantar:

— Nós estamos na classe fazendo uma cópia que D. Joana tinha pensado. Eu quebrei a porta do lápis e pisei para fazer outra. Neste caso um anjozinho bonito, descerado, seguiu de um canto do joão e me levantei para espiar a mata, da janela dos fundos. Olhei, tornei a olhar, mas quem dá que eu descobri o joão! Continuei a fazer a porta sempre olhando, e nada! Já ia voltar para o banco, quando escutei outro anjozinho bonito. Tornei os olhos e descobri então, três caras de índios entre as montes, espiando a escola. Fiquei frio! Só aí percebi muitas outras caras espiadas pelo mato. Dedarei meu sumo, voltei para meu lugar e chamei a minha!

— Chegue aqui depressa, D. Joana, para ver meu trabalho

Ela se aproximou e eu lhe dei em voz baixa, para não espantar a classe:

— Mostra, há índios no mato, espiando a escola.

— Tem certeza? indagou ela, também em voz baixa.

— Tenho.

— São muitos? perguntou ainda.

— Que nem formigueiro, respondi.

Vi que o resto dela ficou transformado, mas não perdeu um momento, sentou-se ao meu lado e arrou a classe, dizendo:

— Escutem bem o que eu vou dizer e façam logo o que eu mandar. Antãozinho acaba de ser indagaado rondando a escola, do lado da mata.

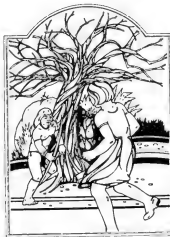
As algumas meninas começaram a falar, mas ela não deixou dizerem nada, explicando, corrigida.

Calam a boca e escutem o que eu digo! Estamos correndo perigo de ser atacados. Mas se vocês me obedecerem, nenhum sofrerá coisa alguma. Não precisam pagar os cadernos nem malias. Abusam entre as crianças para que eles não vejam vocês e pensem que a guarda está deserta. E vão saindo, de quatro, pela porta da frente, sem barulho, um atrás do outro, depressa! Na rua corram o mais que puderem, mas sem gritar. Não dêem um pio! É preciso que eles não percebam que nós estamos fugindo. Assim que chegarem à vila, peçam socorro para mamãe! E apressa-vos! Depressa! Não percam tempo! Eu garanto que a vocês não há de suceder nada! Vão!

Mal a menina acabou de falar, saltos de garotas da vila, do aula, abremos a porta da frente e demandamos a correr para a vila. Já estava quase amanhecer, quando ouvi um grande alarido de gritos e tropeçando muita gente, esperei para o lado da mata; foi quando vi muitas meninas correr na direção das montanhas onde apareciam as casas dos bugres e sumir entre elas.

Antãozinho estava triste quando acabou sua narrativa. — O pai, então, retomando o fio da conversa, disse:

— O resto da história eu posso contar. Assim que os matones chegaram dando alarme, eu e todo esse



*A profunura corren na direção das montanhas
cascas de bagas e desaperceem entre elas.*

perro que aqui está, corremos em socorro de Joana Bororo, mas não encontramos mais sombra dela nem dos índios! A escola estava abandonada, com as janelas e portas abertas, os cadernos dos alunos nas carteiras. Entramos pela mata adentro, mas, por mais que procurássemos, não achamos nada que indicasse o rumo que tomaram.

Quercus Verdúcio resmungou, com desconfiança:

— Pelo jeito, essa Bororo estava era combinada com os fugres, que são gente dela.

Todos protestaram. E Nico Manco respondeu:

— Não diga isso, seu Verdúcio. Joana Bororo nunca faria uma coisa dessas!

— Então como é que correu ao encontro deles? Não se explica...

— Pois eu explico, continuou o negociante. De trás a zona baixa, só encontramos isso: e mostrou uma flecha emplumada que encontrara à parolá, acrescentando os que conhecem as armas dos índios sabem que esse tipo de flecha pertence aos Xaxará, que vivem espalhados para lá do Rio das Montanhas, a mais de dez léguas daqui. E esses índios são justamente inimigos da Bororo.

— Quer dizer que a professora correu, por gosto, para a boca da onça? indagou Quercus Verdúcio, sem compreender.

Está visto que correu, seu Verdúcio, mas sabe por quê? Para dar tempo a que os médicos fugissem. Se não: ter tudo isso sacrificou-se para salvá-los!

— E extraordinário! comentaram, ao mesmo tempo, vários garimpeiros.

Chão Pongá perguntou, então, intrigado:

— E será que ela está com vida ainda?

Por certo que está, disse Nico Manco, os Xaxará, quando querem matar alguém, não fazem cerimônia, ao mesmo lugar em que apunham, metem a poderosa borduna na cabeça da vítima e, como lembram-

ça, deixam a arma de morte junto dela. Mas o índio não é sanguinário. Só ataca por vingança ou em defesa da terra, quando sofre alguma injustiça. Demais, nós percorremos as picadas da mata e não vimos sinal algum de violência. Olhe: esta flecha não foi usada. Alguns deles a debaixo cair ao retirar-se.

Quincas Vendíncio, pensando na sorte do filho, que devia ser bem parecida com a da professora, ainda perguntou:

— Mas se eles não a mataram, que pretendem fazer com ela, seu Nico?

— Mantê-la prisioneira, torná-la escrava, para se vingar dos brancos e dos Borrero que são seus inimigos.

— Podemos libertá-la; uma coisa me diz que, onde ela estiver, estará o meu filho.

— Não há dúvida. É era o que estivamos combinando. Quase todos estes homens têm filhos alvos de Joana Borrero. Nossa estima por ela é um fato. Nenhum de nós se negará a qualquer sacrifício para trazê-la de volta.

— Pela razão, por que estamos perdendo tempo? Vamos embora!... avança Chico Pongá.

— Vamos embora, repetiu Quincas Vendíncio, procurando a saída da loja.

— Calma, seu Vendíncio, perderou Nico Manco. Precisamos amarrar os prisioneiros; precisamos prepará-los para uma longa viagem, pois sabe Deus onde vamos encontrá-los!... Esta madrugada partaremos. Combinado?

— Combinado! responderam todos os presentes que se dispuseram, em grupo.

Pela madrugada, com cavalheiros, armados e com muita provisão de alimentos, partiram na direção do Rio das Mortes.



IX

NA TABA INIMIGA

Trés dias depois, na aldeia dos índios Navaste, escondida nos confins da Serra Azul, à margem do Rio Nueces, afluentes do Rio das Mortes, houve, ao vir da tarde, um resplendor de festa: é que chegava um grupo de índios, trazendo dois prisioneiros: Juana Bonita e Quemquem.

Juana chegou primeiro, vinha amarrada pela cintura e pelos punhos a uma forte sapareira. Carinhava a pe leguas e léguas tingida pelos indígenas. Durante toda a perosa jornada, fingiu que não sentia a constricção dolor. Mas compreendera tudo! Quando menina, aprendera a falar vários dialetos indígenas, inclusive o dos terríveis inimigos de sua gente Borora. E graças a isso, ficou sabendo que a intenção dos Navaste era matar gente branca para fazer-lhe guerra, em terras na floresta, antes que fosse descoberta a situação da taba. Assim, era os alimentos que lhe davam e dormia quando eles dormiam. Em suas veias corria também sangue de bicho e que lhe dava certamente resistência para a caminhada e uma coragem inaudita!

Quemquem chegou depois; vinha desarmado de canção e canto, dentro de um boquete, uma espécie de

certo comprido, preso às costas de um poucinho Xavante.

Ao entrar no terreiro da taba, libertaram Joana da corda que a manietara e tiraram o menino do baquiné, como se tira um franginho de um jacá. Lançaram-no então no solo, estendido como morto. Só aí Joana descobriu que havia mais um prisioneiro! e seu coração bateu descompassado. . . De onde estava, não podia ver o rosto do garoto e uma dúvida cruel fê-la tremer: estava ali, maltratado e furioso, um de seus pequeninos alunos?

Sem demora, inúmeras mulheres acorreram e se puseram a pular em torno dele e da criança como um bando de galinhas assustadas, à volta de alguma cobra. Nisto o cacique, coberto de tatuagens no rosto, no peito e nos braços, surgiu da oca central, esguilho, com um arco, aquele bando de mulheres, e se pôs a falar com o índio do baquiné.

Joana percebeu que o índio explicava ao chefe como apunchará o menino, quando dava muito às galinhas, no terreiro de sua casa. Como gritasse muito, tapara-lhe a boca e carregara-o para o mato, onde, no dia seguinte se encontraria com os outros do bando. Viera sempre varando por dentro do cerrado fechado, para evitar encontro com os brancos.

Mas o cacique não estava satisfeito. E indagou, irritado:

— Por que não trouxeram os cerumins da Borona?

Por esta pergunta, Joana verificou que eles conheciam a escola há muito tempo e haviam atestado com o plano de agarrar os alunos.

O índio do baquiné respondeu ao cacique que não havia cerumim, que a oca da Borona estava vazia. O chefe indagou ainda:

— E que tem este cerumim branco?

— Gritos tanto que morreu de gritar.

O cacique se abanou, pôs a mão sobre o nariz de Quinquim e afirmou:

— Não mecreia não. Está dormindo. E se voltou para examinar a professora. Joana estava pálida e abalada de emoção e cansaço. Mas cihra firmemente o cacique. Este achou-a bela, tanto assim que sorriu e disse na lingua geral:

— Cuidá! povi!

Mas logo em seguida cuspiu com despeito, empurrou-a para o lado e disse:

— Oarimogodogor!

Joana viu que ele não se enganara pois oarimogodogor é justamente o nome nativo dos índios Bororo. E ele a desprezava porque os Bororo são pacíficos e amigos dos brancos.

— Que devo fazer com os prisioneiros? perguntou o índio do baqui.

— Ponha-os na oca viva. As nossas mulheres lhes darão alimentos e os obrigarão a trabalhar, de manhã em diante.

Mas o cacique, quando acordar, vai fazer um bemeiro enorme e a alma acabará sendo descoberta pelo inimigo explicou o índio que aprisionara Quinquim.

Pois se ele gritar levem-no para brincar com os nossos crianças, e ele logo se acanará. Mas não o devem fugir, consolava o cacique afastando-se.

Joana cihrou também estas palavras, mas não deu a menor demonstração de haver compreendido. Continuou a cihar o chilo em silêncio, embora uma enorme angústia tivesse invadido seu coração.

E como já era noite, os prisioneiros foram levados para a oca. Quinquim não teve accedo de si.

Mel ficarar só, Joana Bororo amastou-se pelo chilo e foi examinar, de perto, o rosto do menino. Em

pois os seus olhos se acostumaram ao escuro, e ela percebeu que seu companheirinho era um menino desconhecido e não um de seus queridos alunos. Deitou-se então ao seu lado, na terra batida, e dormiu profundamente.



X

A PRIMEIRA NOITE

A TA noite, Quinquim acordou, chorando e chamando:

— Mãe! Mãe! Ó mãe!

— Que é, meu filho? Não chore que eu estou aqui, respondeu-lhe Joana Bezerra, com voz suave e carinhosa.

Quinquim não se espantou de ouvir uma voz como a de sua mãe, porque ainda estava tombo de sono. E pediu:

— Acenda o lampião, mãe.

Como poderia Joana acender aquele pedido? Numa casa de índio não há lampiões, e luz, na taba, só a das fogueiras... Sua inteligência, porém, dava o remédio para tudo. Por isso falou assim:

— Se eu acender a luz posso acordar seu pai: ele está muito cansado e precisa ir cedoinho para o trabalho. Vamos falar portanto bem baixinho!

Não! Quisquem sentiu o corpo todo doído e per-
tebas que estava deitado no chão.

— Que é que tu estás? perguntou apalpando
seus braços. Por que não estás na rede?

— Você dormia na rede. Mas teve um pesadelo
e saiu...

Um pesadelo? Que é isso?

— Sim, um sonho mau, com índios que o atacaram e o levaram prisioneiro, para muito longe...

Então tudo foi sonho?

— Foi, sim. Um sonho horrível! Você gritan-
do...

— Então vou para a rede de novo.

— Não, meu filho, respondeu Joana Borora, se-
parando-o. Você já está duas vezes! Fique no chão
mesmo, sendo sonho de novo, daí outra vez, e a nova
quede pode ser de mau jeito...

— Mas meu corpo está todo doído.

— Eu não disse? Dois tempos não são brincadeira.
Faz alguma coisa um terceiro? Deita a cabeça aqui no
meio não, que vou lhe contar uma história.

E Joana Borora não esperou resposta: tomou o
menino nos braços e acomodou-o, maternamente.

Que história vai ser? perguntou Quisquem,
interessado e consolado com o carinho de Joana.

Uma que você ainda não conhece. Uma his-
tória de jabuti. Você se lembra das aventuras do jabuti?

Qual?... Aquela com a onça?

Aquela e qual mais?

A da aposta com o veadinho?

Sim... e qual mais?

Aquela com a arara?

Sim... E as outras?

A do sapo, a do tui, a dos merlins, a do

leopardo...

Muito bem! Já vejo que você se lembra de

muitas. Então vou lhe explicar por que razão os índios

consideram o jabuti o bicho mais esperto do mato e espalham essas histórias tão divertidas. Você quer saber?

— Quero, responde Quinquim.

— Quem élia um jabut pensa que ele é o animal mais bobo do mundo, não pensa?

— Pensa.

— Mas nós sabemos que ele é o mais esperto de todos, não sabemos?

— Sabemos.

— Então por que será isso? Você sabe?

— Não.

— É que antigamente os jabutis eram moedores e bebichos como parecem ser hoje. Mas um dia, nasceu um jabuti que parecia igual aos outros; era, no entanto, bem diferente, muito curioso, perguntador e doido para saber tudo. Era um bicho extraordinário e tinha o nome de Carumbé — avôso Joana Borora, acomodando melhor o menino em seu regaço. É a história desse jabuti que vou lhe contar hoje.

Quinquim sentia-se feio no aconchego daquela mole que lhe parecia o de sua verdadeira mãe. E Joana Borora, para lhe dar aquela tranquilidade, procurava esquecer a desgraça que caíra sobre a cabeça de ambos.

Quando clareasse o dia, o pequeno pracinheiro estaria em melhores condições para conhecer a dura verdade; contava com sua alicção, seria confiança nela. E tudo havia de parecer aos dois menos terrível.



XI

A HISTÓRIA DE CARUMBÉ

E Jurea começou a contar:

— Carumbé nasceu à beira de um córrego, no fundo da floresta virgem. Era tão pequenino, tão pequenino, que poderia caber na palma da mão de uma criança. Mas parecia uma pedrinha, escura e chata, polida pelo rolar contínuo das águas. Isso quando dormia. Acordado, porém, aquele pedregulho criava pernas, botava a cabecinha para fora e se movia sem parar. Ah, porque o carumbinho era um anjeito de força maior e está para nascer mesmo mais curioso do que ele.

Passara os primeiros dias de sua vida olhando as águas que corriam, correm, sem nunca voltarem para trás. E aquilo o deixava intrigado! O rio não morava no alto da montanha, escondido nalgum barão da terra? Por que então as águas nunca voltavam para casa, como ele e seus quatorze irmãos gêmeos faziam, quando era hora de dormir?

As vezes saltava o peixeço e ficava olhando para cima. Contemplava as folhas do copado arvoredo, que tapavam quase todo o sol e o céu azul. Cada uma as folhas lhe pareciam mais distintas, mais altas, sempre

sabiado, sabendo, custeava de ver as noventa de perto, sem medida da terra...

Se olhava em torno, via sempre os mesmos galhos, os mesmos troncos, os mesmos cipós amarralhados, as mesmas talas contorcidas. E achava os sinais de perguntas: Será que na terra só há árvores, árvores e mais árvores?

Os meninos, porém, sabiam menos que ele e nem se davam ao trabalho de responder. Só queriam se divertir e castar frutos de taperebá, manjar produto de todos os carumbés. Mergalhavam no rio, nadavam à vontade e voltavam para a arca, onde dormiam boas noites, encoladinhos, na cama. Carumbé perguntava, perguntava, perguntava, e eles... nada! Desesperado com o silêncio dos irmãos, recorre a D. Jabea, pedadora e pacherrenta, mas sempre atarefada com os assuntos da toca!

— Mãe, é não? Me diga uma coisa!

— Que coisa, Carumbé?

— Será que o mundo é uma floresta só?

— Você tem cada pergunta, Carumbé!

— Responda, mãe, que eu quero saber. E ou não é?

D. Jabea tinha a cabeça fraca para pensar e ficava muito atrapalhada. Nunca lhe haviam falado isso, nem lhe passara tal coisa pela mente. Seus antepassados haviam nascido e vivido naquelas redondezas e seu mundo era aquele mesmo... Por isso hesitava um pouco, mas acabava respondendo:

— De certo que é!

— Então esse mundo não tem fim? Indaguei não.

— Tem sim, meu filho. Tudo tem fim.

— E no fim do mundo o que é que há?

— Nada.

— Nada o que é, mãe?

— Ora, meu filho, que pergunta! Nada é nada...

. . Ah! eu queria ir ao fim do rio para ver "real" como é...

Deito de estar boboando, meu filho. Seja como seus irmãos que não fazem perguntas. Olhe! Iahui não precisa pensar. . . Vá brincar e me deixa sossegado

Carimbé ia, mas ia triste, porque não se conformava em deixar de pensar. E tanto pensa que ia pensando:

— Se é para não pensar, para que então a gente tem cabeça?!

Desde esse momento já não fazia perguntas nem à mãe nem aos irmãos, mas a si mesmo. E jurou: um dia haveria de dar resposta a todas as suas dúvidas.

Ora, uma tarde em que o céu estava ensolarado, ameaçando chuva, ele foi até à beira d'água, olhou para a outra banda e lançou esta pergunta ao vento:

— Que haverá do outro lado do rio?

O vento não respondeu. Então, uma voz de taboca rachada pareceu zombar dele:

— Xuê... xuê... xuê... xuê...

Carimbé voltou-se e deu com um grande sapo. Então indagou:

— É o sapo Xuê?

— É . . é . . . é... é... respondeu o sapo com a mesma roncadora.

Foi bom o senhor saporcer. Eu queria perguntar-lhe uma coisa...

- Que é?... que é?... que é? . .

- É verdade que o senhor já atravessou o rio?

— É . . é . . . é... é...

- Então me diga: o que tem do outro lado é mata?

— É... é... é... é...

- Só mata?

- É... é... é... é...

Então começou a chover. Carimbé voltou desistido para a toca, enquanto o sapo grande reconstruía sua castilena:

— Xaf... xaf... xaf... xaf...

Joana Berora ia continuar a história quando reparou que o menino dormia... A castilena do sapo Xaf dera ótimo resultado. Por isso ela aproveitou o tempo para dormir também até amanhecer.



XII

A SEGUNDA MÃE

QUANDO o dia clareou, Quinquem abriu os olhos e viu Joana Berora já acordada e olhando para ele com ternura. Tinha um sorriso alto e perguntou, sentando-se:

— Quem é você?

— Paúl disse ela, pondo o indicador sobre os lábios. Você é um menino inteligente e corajoso! Escute o que eu vou dizer e não se espante nem fale alto, porque temos de converter um segredo. Você gosta de segredo?

Quinquem respondeu, com um ar meio assustado:

— Gosto.

— Então me diga primeiro o seu nome.

O menino estregou os olhos, arregalou-os para a professora e respondeu:

— Meu nome é Quinquim.

— Como?

— Meu nome é Joaquim Pereira Vendelino, mas me chamam de Quinquim.

— Muito bem, Quinquim. Agora você vai ficar sabendo quem sou: fui batizada com o nome de Joana Maria dos Anjos, mas me tratam de Joana Botora, porque sou filha de um cacique dos índios Bororo.

Quinquim teve um sorriso de compreensão e mudou logo de tratamento:

— Ah! a senhora é que é a mestra da Vila de Pavorca?

— Sou eu mesma! Você me conhecia?

— Meu pai que falou. Ela quer me botar na sua escola, para a senhora me ensinar e tomar conta de mim, enquanto ele estiver no trabalho.

Só aí Quinquim percebeu que não tinha roupa e que a professora se achava apenas coberta com uma pele de macacão. Ia indagar a razão disso, quando Joana explicou.

— Pois então?! Já estou tomando conta de você.

Ao ouvir essas palavras, Quinquim, que já estava bem acordado, olhou em volta da sala e para o teto baixo em forma de abóbada, e teve uma decepção:

— A escola é este forno?

— Não, Quinquim. A escola não é aqui.

— Onde é que estamos, então?

— Espere, que vou lhe contar. Você se lembra que teve um pesadelo?

— Foi sim, um sonho mau,

— Isso mesmo; um sonho mau, com índios...

— Lembra, sim.

— Lembra-se de que coisa da rede duas vezes?

— É mesmo.

— Lembra-se também da história do Carumbé que comecei a contar-lhe? continuou Joana a despedir, com cuidado, a memória do menino.

— Ah! já sei. Agora estou compreendendo: foi a senhora que contou a história e eu pensei que era minha mãe que ainda estivesse viva.

— Então vamos fazer um trato: eu fico sendo sua segunda mãe. Está bom?

— Está, respondeu Quinquim, com muito entusiasmo.

— Mas as mães e os filhos se abraçam, não é?

— E, sim senhora.

— Então venha de lá um abraço, meu filho.

Os dois se abraçaram silenciosamente.

E foi assim, abraçados, que Joana Barosa contou a Quinquim a terrível verdade, falando-lhe baixinho, quase ao ouvido:

— Quinquim!

— Senhora!

— Você tem confiança em sua segunda mãe?

— Tenho.

— Se eu lhe disser que não tenho medo, você terá medo?

— Não.

— Então vou lhe contar uma coisa, mas não tenha medo!

— Que coisa?

— O pesadelo que você teve não foi sonho não.

— Então é que foi?

— Foi verdade.

— Verdade? perguntou ela, erguendo a voz com assombro.

Joana apertou-o ainda mais nos braços reconhecendo:

— Quietinho! Foi verdade, mas não aconteceu desgraça nenhuma. Você está vivo! e eu estou aqui para fazer-lhe companhia até ao pai chegar.

— Quando é que ele vai chegar?

— Chega logo. Qualquer dia. A esta hora já está a caminho. Mesmo que ele demore um pouco, fique descansado que ele chega.

— Mas ele sabe onde eu estou?

— Na certa sabe. Mas se não souber não tem importância porque ele descobre logo.

— E onde é que eu estou? pergunto ainda Quinquim.

— Já vou contar. Mas quero saber primeiro como é que os índios trouxeram você para cá.



XIII

O CASO DE QUINQUIM

E o menino começou a contar:

— Foi assim: Meu pai me deixou só em casa porque eu estava com muito sono. Ainda que o sol espertasse, ponho, esperto e pule da rede. Senti fome e alívio. Meu pai não queria que eu abrisse a porta por causa da "piriada". Então fui para a janela. Não vi os galinhas cacarejando e passei:

— Coitadas! Devem estar com fome. Vai ver que meu pai se esqueceu delas.

Enche uma casa de milho e abri a porta sem me lembrar da ordem. Fugui enfiando um bocado, pegando milho para dentro do palheiro e vendo a briga delas por causa das grãos. Quando me vim para guardar a casa vazia, que surto! Imaginei que dei com um indio atras de mim! Que correr, mas ele me apertou com tanta força que quase me quebrou os ossos. Corri como um diabo! Lhe, porém, me tapou a boca e, perguntando-me ao colo, correu comigo para o mato. Fugui sem ar, de tanto que ele me apertava a boca. Mas sempre que podia, gritava! Afinal, lá longe, ele me meteu bem dentro, frechou-o e botei-o nas costas. Eu gritei, gritei, gritei, até que não pude mais. Então dormi. Quando acordei, no outro dia, estava sozinha, mas várias insetas me espantavam. Comecei a gritar outra vez. Lhe me deu algumas frutas do mato, mas não acertou. Então me puseram de novo no cesto e tocaram para adiante. E só paravam para abrir o cesto e me oferecer alguma coisa para comer. No principio, eu só gritava. Acho que não tinha ninguém no mato quando eu tirando leite, não é? Ninguém me ouvia?

Aí eu estava com muita fome e comecei a acenar tudo que me davam. Aí uma pomba de macaco, que eles pegavam e assavam, eu comi. Tinha tal, mas estava boa.

Depois da segunda noite, sentiu o corpo doendo de estar todo o tempo encostado, de mau jeito, no cesto. Tive medo, comecei a gritar e a chorar de dor, até que perdi o acesso de mim, achei.

— Então, agora, já acanhou para crêde e trouxeram...

— Para este forno grande.

— Forno. Qualam? Isto não é forno, é uma cabana de indio.

— Eles moram aqui? Não vamos morar com eles?

— Não, esta casa é só nossa! Só nós dois é que



Piqui estendido um borado jogando milho para as galinhas a verem a braga delas pelas galinhas.

vamos morar aqui até que seu pai venha. Você não quer morar comigo?

— Quero.

— Então? Não estamos tão mal assim.

— Mas onde é que eles moram?

— Nas outras casas, vizinhas desta. Quando você sair, verá.

— Eu queria ir embora. Por que não vamos?

— Porque eles não doam.

— A senhora podia pedir...

— Eles não me atendem.

— Mas não são seus amigos?

— Não, são inimigos. A minha raça é Bororo e eles são Xavante.

— Os Xavante não gostam dos Bororo?

— Não.

— Então estamos presos? Que vai ser de nós? perguntou Quinquim, compreendendo afinal todo o horror da situação.

— Sim, meu filho, estamos presos, mas não se assusta, porque me prenderam também e eu não tenho medo deles. Sei que eles são valentes, vingativos e guerreiros. Mas não são malvados. E, vendo que o merino começara a morrer, apertou-o de encontro ao peito, explicando:

— Faça tudo que eu mandar, que eles não lhe causam o mal algum. Se seu pai desmorar, eu arranjar-lhe um jeito de fugir. E quando nossos espíritos estiverem livres, em Poxoreu, tomando parte numa grande festa, está bem?

— Está, respondeu Quinquim. Mas como foi que prenderam a senhora?

Joana Bororo aproveitou a pergunta para contar ao merino a sua história e encorajá-lo com a certeza de que todos os homens de Poxoreu viriam em socorro

dele. Isso somado com Quintas Venturoso e seus comparsas, formaria uma tropa formidável.

- E tudo de modo, sabia? recomendo da por fim.

O menino ganhou uma grande animação e sorria, orgulhoso, imaginando seu pai à frente de tantos cavaleiros invencíveis! Mas ainda perguntou:

- Será que ele não vai ficar zangado de eu ter desobedecido?

- Não. Ele sabe que você já recebeu um grande castigo. Depois ficará tão alegre quando o encontrar de novo que vai esquecer tudo!

Levantando-se, então, muito acurrada para não bater no teto da sala, disse:

Agora vamos sair, para ver como é que eles vão tratar seus hóspedes. Vamos comer o que eles nos derem e vamos fingir que tudo é muito gostoso.

- Mas eu vou sair eu? indagou, aflito, Quintas.

- Você vai sair só com a roupa que Deus lhe deu. Não se envergonhe. É preciso ver entre as coisas como eles vivem.

El tomando a mão do menino, a professora levou-o para o terreno.



XIV

OS ESPINHOS DE OURIÇO

AQUELA hora da manhã, toda a maloca estava deserta. Os homens deviam andar na caça, os curumins brincavam nas montas, as mulheres tomavam banho no rio. Isso queria dizer que os Xavante não tinham cuidado com os prisioneiros; uma mulher e um menino não precisavam ser muito vigiados. Sabiam, além disso, com certeza, que a fuga era impossível!

A princípio, Quinquim caminhou hesitante, com medo de ver os índios que o haviam aprisionado. Olhou para as cabanas construídas em torno do terreno circular. Admirou-se que, em todas, a abertura de entrada fosse tão pequena que não daria para um homem, alto como seu pai, entrar de pé. Mas o vórtice das mulheres, lá para as bordas do rio, vinha até ele. E Joana perguntou:

— Quinquim, você sabe nadar?

— Um pouquinho. Meu pai ia me ensinar.

— Pois então vamos ao rio, que eu ensino. Assim, quando seu pai chegar, você já sabe e lhe faz uma surpresa. Quer?

— Quero, sim senhora. Será que eles deixam?

— Certo que sim.

Não, ouviram o grito de um cão e uma gritaria.

de nemicos selvagens. A atropello dos dois voltou-se para uma roça de milho, que ficava atrás da maloca, fôrta curumins que gritavam ardentemente, muito alarmados!

— Coandê! Coandê! Coandê!

— É um coango, informou Joana ao menino.

Os garotos se tornavam cada vez mais próximos até que surgiu um cão de pernas altas, mestiço de cachorro-de-mato. Trazia o focinho abanado, pingando sangue. E continuava a puxar luctuosamente. Joana compreendeu logo o que acontecera e exclamou:

Na certa foi acuar coango no mato e está com o focinho ensanguado. Potocualho!

Atrás do cão, surgiram três curumins de entre o milharal. Ao se defrontarem com a moça e o menino, saltaram-se, tomados de uma grande surpresa. Na véspera, não tinham visto nada, porque as crianças Xavante vão dormir quando o sol se oculta por cima da Serra Azul. E os prisioneiros haviam chegado depois, à bequinta da noite. Não puderam, por isso, esconder o seu assombro, vendo Joana Borra e, principalmente, aquele menino branco! E um lagot, quando Joana lhes falou na língua Xavante:

Venture cá! Não fuja! Voa tratar do cachorro mas preste de volta. Não se incomodem com o menino branco! O pai dele vai fumar o cachimbo da paz com o cacique.

Muito desconfiados, os meninos foram se aproximando. Joana insistia:

Vamos! Segurem o cachorro que eu tiro os dentes!

E então o maior chegou mais perto e segurou o cão, sempre olhando para Quinquem.

— Como é o seu nome? perguntou-lhe Joana, com a maior naturalidade.

Segura, respondeu ele.

— Saguara, você é muito forte, mas a dor do cão é mais forte ainda. Chama aqueles dois para nos ajudarem também. Ele vai espremear e é preciso força, ordenou Joana ao curandiro.

Este sorriu, mostrando os dentes, e gritou.

— Jaraqui! Veeh! Veeham!

Só então os menores tomaram coragem e se aproximaram. Joana, como se já os conhecesse há muito tempo, começou a dar ordens.

— Você, Saguara, segura a cabeça. Você, Jaraqui, segura as pernas de trás. E você, segure as da frente. Veeeh!

Os menores assim o fizeram. E Joana, pegando com a mão esquerda por baixo do queixo do cachorro, pôs-se a arrancar, com a maior rapidez, os tricérvicos espessos do pelo animal. Querem olhar a cena maravilhosa? Não sabe o que mais admirar: se a obediência do próprio cão ou a dos três pequenos selvagens Saguara, Jaraqui e Veeh. Assim que terminou a operação, Joana não perdeu tempo e disse:

— Agora vamos lavá-lo e ele ficará curado num instante. Pegue na mão de Quinquim e puxaram-se todos a caminho da água. O cão ia sendo suavemente polido pelos três begrinhos.

De propósito, Joana se encamustara para uma volta do rio, afastada do ponto onde as canhas estavam tomando banho. Chegando à margem, ordenou:

— Arrastem o cão para a água!

Os três garotos puxaram o animal e... bombal! lá foram os quatro para o rio. Ela chamou Quinquim e entraram ambos também.

A água estava agradável e o cão parecia não estar sofrendo mais porque se pôs a nadar, alegremente, no meio deles. Os begrinhos se mostravam cada vez mais camaradas, embora lançarem, de vez em quando, um olhar estranho a Quinquim. Este, fascinado com

aquela baucha inesperado no meio de garotas brincadeiras, considerava Joana uma verdadeira fada! Não podia compreender como havia podido conquistar a confiança delas! Com certeza, ela lhes falara na língua Xavante com o mesmo bom gosto com que o consolara e lhe contara a história de Carumbé.

Inesperadamente, Joana deu um mergulho e agarrou a perna de Jaraquá. Este deu um pito e logo depois uma risada. O mesmo brincando ela fez com Vene e Sagara. E, em breve, era uma brincadeira geral. O riso logo morreu. Quem quer se encorajou e aproveitou para fazer-lhe uma festa, tornando-se assim seu amigo.

Nesse momento, as mulheres que já haviam de longe, proibido a brincadeira, aproximaram-se, rindo. Vene, Sagara e Jaraquá foram ao encontro delas e lhes contaram, muito animados, o que tinha acontecido. Joana, desfarçadamente, prestou atenção ao que elas dizem que foi, em resumo, o seguinte.

- Jaraui (o cachorro) descobriu um coelho e correu com o focinho todo estendido. Jaraui chamava de dor coelho! coelho! coelho! Então aparece aquela moça estragada, com o curumim vermelho (o mesmo branco) e correu Jaraui, arrancando-lhe os sapinhos e batendo-o depois.

Ouvindo esta narração, as mulheres olharam para Joana com muita simpatia. Joana aproveitou para falar-lhes na língua Xavante. Foi um espanto geral.

- Você não é filha de Bororo? perguntou-lhe uma velha que parecia ter maior prestígio, no meio das outras.

- Eu sou filha de Tupã, respondeu a professora querendo dizer que era cristã, filha de Deus.

- É por isso que ela curou Jaraui, concluiu Vene, o menor dos curumim.

As mulheres olharam-se em silêncio e foram saindo da água. Joana acompanhou-as, com intenção de

ajudá-las nos trabalhos caseiros. Quinquim, já sem modo nenhum, brincou com os três caracurus e com Joana.

Outros caracurus mais atrevidos foram se chegando e, em breve, Quinquim se misturava com eles, porque o brincando é uma Ingangari que todos os meninos do mundo compreendem.



XV

A SEGUNDA NOITE

O dia corre alegremente para Quinquim e Joana. Forra. As mulheres e os meninos não os tratavam como estrangeiros. Joana assiste ao Xavante a fazer novas iguarias de mandioca e milho verde. 'beijocariô, cariquirê e panocha, que elas gostaram muito.

O banho e o brincar deram a Quinquim muita fome. Por isso ele não tem vontade de comer tudo que lhe deram ao correr do dia, pois, como se sabe, os bugres comem sem olhar as horas.

Joana, percebendo que a deixavam em liberdade, andou à caça de emburá pelas redondezas e, com espantosa agilidade, tocou uma pequena rede que levou para a oca que lhe fora destinada e amarró-a aos varais.

bem baixinha, quase rente ao chão. Essa rede foi uma agradável surpresa para Quinquim que, ao acalhoar, deitado aos ventos e às brincadeiras do dia, estava a sair de sono. Então deitou-se nela e adormeceu profundamente.

Joana deitou-se ao seu lado, no chão. Mas não dormia com a mesma facilidade. À hora em que se deitou, chegavam os caçadores e vigias da tribo e ela reconheceu a voz do cacique, perguntando a um deles:

— Via rastro de branco?

— Não, cacique.

— Continue vigiando, que eles devem estar no caminho! E muito cuidado com o pequeno capatanga! Se ele gatar de noite, faça-o calar com uma boa pancada!

— Sim, cacique.

Essa conversa tirou o sono de Joana. Não teria por si, teria pelo menino, a quem já queria bem como a um verdadeiro filho. Iria ele, de novo, gatar como na primeira noite? Todas essas preocupações fizeram com que só a muito custo conseguisse adormecer.

Noite alta, quando a tribo inteira dormia a sono solto, Quinquim ergueu-se na rede como se tivesse mole, e gritou:

— Mãe! Ó mãe!

Joana despertou assustada, sentou-se também, chegou o menino ao peito e lhe disse:

— Estou aqui, meu filho! Deite-se quietinho, que eu lhe conto o resto da história do Carumbé. Você quer?

— Quero, respondeu Quinquim, deitando-se de novo, mais tranquilo.

— Então escute, mas eu só conto com uma condição: você vai ficar de biquinho calado! Está bem?

— Está bem, disse o menino, segurando a mãe de Joana e ajoelhando-se na rede.

Il. da começou a contar:

— Depois daquela conversa com o sapo Xud, Carumbé ainda ficou mais curioso e se resolveu a correr mundo para ver como ele era. Mas precisava pedir licença à mãe, por isso chegou-se perto de D. Jabota e lhe disse:

— Mãe, quero correr mundo. . .

D. Jabota, que estava entregando o casaco de um dos filhos para que as pistolinhas ficassem brilhando, perguntou, divertida:

— Para que, meu filho?

— Para conhecer, mãe. Quem não procura conhecer não conhece nunca, não é verdade?

— E, meu filho.

— Então posso ir?

D. Jabota já andava desanimada de tomar com aquele filho pródigo. Em vista disso deu consentimento, dizendo:

— Pois vá, meu filho. Vá, veja o mundo todo, e volte para contar à gente como é.

— Obrigada, mãe, respondeu Carumbé.

E combinaram logo a partida.

No dia seguinte, de madrugada, os quatorze carumbaninhos colocaram-se em fila à beira do riacho, para se despedirem do irmão. Carumbé deu meio abraço em cada um, porque, como se sabe, os carumbês têm os braços muito curtos e só podem abraçar pela metade.

— Adeus, maninhos! disse ele.

— Adeus, responderam em coro os irmãosinhos.

D. Jabota, com uma grossa lágrima pendurada nos olhos, estira o pescoço e cruzou-o com o pescoço franzido de Carumbé, pois é assim que as jabotas beijam os filhos.

E antes que ele se lançasse à água, que seria, ao mesmo tempo, o seu carumbê e o seu meio de transporte, ela lhe fez as últimas perguntas e recomendações:

— Já preparou os remos?

Carumbé respondeu:

— Já ... (Os ternos eram as patas.)

— Já azeitou o leme?

— Já ... (O leme era o rabicho.)

— Já limpou o barco?

— Já ... (O barco era o casco inteiro.)

— Já apertou a rede?

— Já ... (A rede era o casco de baixo.)

— Já tem sua guarda-chuva?

— Já ... (O guarda-chuva era o casco de cima.)

— Já amou os encostos?

— Já ... (Os encostos eram o casco de baixo e o casco de cima.)

— Então está bem, meu filho...

D. Jibota estava emocionada. Por seu gosto, prolongaria este diálogo por uma porção de tempo a fim de manter Carumbé ao seu lado. Mas era preciso se escher de coragem e deixá-lo partir. Então, reunindo forças, pediu, com insistência:

— Olhe, meu filho! Não esqueça dos meus conselhos! Vá pela sombra, não tome chuva, darna cedo, acorde cedo, não coma frutos verdes e evite as más companhias! E, vendo que ele já estava na beirada da água, acrescentou: Vá com Tupã, meu filho. Adeus...

— Adeus, mãe! exclamou Carumbé, mergulhando no rio; pouco adiante virou de costas e deixou-se levar pela correnteza.

D. Jibota e os carumbelinhos ficaram acordando, de súrgem, com os bracinhos curtos, até que ele sumia numa curva distante. E voltaram depois para a toca.

O rio continuava rolando suas águas, rolando, rolando, rolando... rolan, do...

Isso ia acabar a história, mas verificou que quase ninguém dormia de sono. Deitou-se de cabeça no chão, e ao se al pôde dormir sossegada até o romper do dia.



XVI

A TERCEIRA NOTTE

O segundo dia passado na taba correu sem maiores novidades. Joana teve tempo de fazer uma boa rede para ela e colher folhagens e flores do mato para loçar o caldo e enfeitar a casa.

A noite, quando já estavam deitados e Quinquim dormia um sono tranqüillo, ela ouviu de novo a conversão de caciques com as vigias da aldeia:

— Então, viram algum rastro de branco?

— Não, caciques.

— Não se desculdem! Eles não de vir! Mas antes de chegarem havemos de prendê-los!

— Sim, caciques.

— É preciso não deixar que a Bocaia e o sapuê-riaga dêem sinal a eles. Já sabem o que devem fazer se eles tentarem fugir ou gritar!

Joana, coitada! perdeu o sono de novo, preocupadíssima.

Como poderia salvar Quinquim? Gritaria de outra vez, aquella noite? E como conseguiria comunicar-se com seus amigos de Bocaia e com Quincas Ventado para preveni-los da emboscada que os Xavantes lhes preparavam?

Ela e Quinquim não podiam se queixar dos índios;

nada não haviam sofrido nada. Mas lembrava-se de seus tempos de menina, das aventuras que os Xavantis costumavam fazer nas aldeias pacíficas de sua gente. Não se iludia, pois, com a lista que se preparava. Era por isso inventar um jeito de prender os brancos!

A noite já ia em meio, quando Quinquém deu o seu alarme de costume:

— Miei! Ô miei!

Estou aqui, meu filho, respondeu Joana, sobrevivida. Que é que você tem? Olhe, fique quieto que continuarei a contar-lhe a história de Carumbé.

Quinquém aquietou-se e ela continuou:

— Carumbé estava viajando ao saber das águas, mas? e, lembra? E, como o menino fazia sinal abafado, perseguia. E assim, foi-se devendo levar pela quarenta, sem usar os remos, sem fazer fôlego nenhuma. O rio corria entre árvores frondosas e a brisa fresca da manhã refrescava-lhe suavemente a superfície. Tudo contribuía para aumentar o prazer de Carumbé. Ia buscar o seu sonho? Era feliz!

Não se cansava de contemplar a copa do arvoredo, por onde os primeiros raios de sol penetravam a custo. Não, deu com uma preguiça no alto de uma embelha e suspenso-lhe-a!

— Oá, preguiça! Bem-dia!

A preguiça não respondeu. Mas Carumbé estava dezoito por dar uns dois dedinhos de prova. Por isso, levou, nadando em marcha à ré ou cando contravapor, como se diz, e considerou:

— Douça um pouco, preguiça. Vamos conversar?

Mas a preguiça não respondeu.

— Está com preguiça de descer?

A preguiça não respondeu.

— Está com preguiça de conversar?

A preguiça não respondeu.

— Está com preguiça de responder?

A preguiça não respondeu.

— Então fique aí! exclamou Carumbé, desanimado. Fique aí, que eu vou-me embora para conhecer o mundo. Na volta eu lhe conto como é.

E saltando o bosque, tocou a todo vapor.

Estava tão alegre que começou a cantar, de papo para cima:

— A preguiça tem preguiça,
não gosta de se mexer...
E como é que ela não move,
com preguiça de comer?

Nisto, uma rãzinha saltou na barriga dele e lhe disse:

— Estou gostando de ver: o rato falando da arrapada...

Carumbé levou um susto enorme, vendo aquele bicho em cima dele. Mas logo deu uma risada, esticando o pescoço para ver a rãzinha bem de perto:

— Que é que você está falando, porreco?

— Estou falando, disse ela, que você está falando da preguiça da preguiça, e não pensa de um preguiçoso de marca maior.

— Não confunda, porreco. Não confunda preguiça com vagar. Ser vagaroso é verdade, mas isto é muito diferente. O vagar é o segredo da preguiça. De vagar se vai ao longe, fique sabendo.

— Quer dizer, com isso, que você pretende ir muito longe? perguntou a espantada porreco.

— Vou ao fim do mundo, respondeu Carumbé com orgulho.

— Hum! ... Ao fim do mundo?!

— Pelo menos!

— Sempre nessa velocidade? perguntou ela estrebuchando os olhos e pondo as mãos comprimidas na cintura magra.

— Não, uso quatro velocidades, respondeu ele com a mesma voz imponente.

— Quatro??

— Sim, quatro.

— E quais são elas? Mostre-me!

— Mostrar não posso. Mas posso dizer-lhe.

— Então diga!

— Primeira velocidade: devagar. Segunda velocidade: devagarinho. Terceira velocidade: muito devagar. Quarta velocidade: muito devagarinho.

— Bateu! respondeu a perereca! Com essas velocidades todas, quem vai chegar ao fim do mundo é seu neto.

— E pelo que vejo você também está querendo ir...

— Éa?! Por quê?

— Porque estrou no meu barco de graça, sem pedir licença, sem pagar passagem. Mas isso não pode ser! Antes só de que mal acompanhado. E dizendo isso, o jabuti virou as costas para cima e lançou a perereca na água.

Continuou a navegar como se fosse num mar de rosas. De súbito, porém, alguma coisa aconteceu-se na sua passagem. Ele levou um grande susto num, verificando que não passava de um filhote de jacaré, vindo do ovo naquela noite, meteu o peito como um verdadeiro herói e cantou:

— Foi contentel

Nad... nad...

Sai da frente,

jacaré...

O jacarezinho nadou para a margem o mais depressa que pôde. E ficou sabendo que, no mundo, não havia só jacarés.



— Foste dentro no meu bano de graça, sem pedir licença, sem pagar passagem. Isso não pode ser!

De longe, Carumbé via bater-lhe o papo de tanto pavor! E ainda disse:

— Conheceu, papado? Carumbé não tem medo de bicho bonatudo!

Joana, nesse momento, interrompeu sua narrativa porque o menino dormia. Voltou, então, para a sua rede e, morta de cansaço, dormiu também.



XVII

A MENSAGEM FLUTUANTE

MUITAS NOITES se passaram así que, certo dia, o tempo amarelhou enfarruscado, ameaçando chuva. Como de costume, Joana e Quinquim se exercitavam para o banho. A professora, cada vez mais preocupada, seguia em silêncio. Não cessava de pedir a Deus, no íntimo de seu coração, que lhe mandasse um jeito de comunicar-se com os brancos. Estes, àquela hora, deviam estar percorrendo o sertão bruto em busca de uma pista de seus raptores. Não, Quinquim aborrecia-se, apertava alguma coisa no dente, e mostrava-a a Joana, dizendo:

— Olhe aqui um espinho de ouriço, que a senhora tirou de Jaraú.

Joana pegou o espinho e enfiou-o na pele da maracajá que lhe servia de roupa. Fez isso magistralmente,

como se guardasse uma agulha, sem saber para que lhe servia aquele pontagudo espinho, mas dano de quebrar de que uma agulha de aço.

Ao chegarem ao rio, encontraram Saguara, Jaraqui e Venak, acompanhados de Jenevi, numa engraçada brincadeira, eles tentavam cavalgar uma enorme perunga em cima da água, para descer sobre ela no abismo. O equilíbrio, porém, era quase impossível porque a perunga virava e . . . bamba! o cavalheiro pranchava de cabeça na água! Depois a perunga lá se ia novamente, levada pela correnteza. Era, então, necessário nadar depressa para agarrá-la de novo.

Quemquê ficou logo fascinado por aquele divertimento. Joana, porém, ao ver a gigantesca perunga descer de ao sabor da correnteza, teve uma ideia subtil! E se ela avisasse a seus amigos, dentro daquele fruto, uma mensagem esclarecedora? Era tão grande que certamente chamaria a atenção de quem a avistasse das margens. Ela mesma, que sempre vivia no sentido e via tantas sabedorias carregadas adiante-se de do tamanho daquela perunga. E quem a avistasse não deixaria de pensar lá, pois um fruto assim tinha inúmeras utilidades. Ninguém poderia, no entanto, se aproveitar do fruto sem abri-lo e, abrindo-o, encontraria o recado que escreveu.

A ideia era, sem dúvida, ótima! Mas como realizá-la? Onde escrever a mensagem salvadora? Bem, pensemos, se abrisse a perunga para introduzir qualquer coisa, teria de fechá-la à prova d'água, sendo, além disso, impossível! E fechar à prova d'água era tarefa impossível.

Outra ideia, porém, deu-lhe seu espírito. Repareu que a casca ainda estava verde-escura e que seria fácil machucá-la com uma pedra aguda. A mensagem seria, portanto, escrita na própria casca. Mas com quê? Ah! com a ponta do espinho de ouriço que tinha consigo!

— Deus me inspire! pensa Joana, e seu coração batea violentamente ao descobrir uma possibilidade. Agora era tratar de dar um jeito de atrair os curumins para outro brinquedo. Assim pensando, pegou um pedaço de pau, chamou Quinquem e lhe disse:

— Enxame o cão a apANHAR este pau. Você o mostra bem a ele, depois o leva longe e corre com ele para que ele o pegue com os dentes. Ainda no rio é nada para apANHÁ-lo de novo. Entenda os curumins enquanto eu vou fazer um serviço. Quinquem obedeceu e se pôs a chamar:

— Jansu! Jansu! Jansu!

O cão tira da água e aproxima-se. Quinquem lhe fez feixes, mostrou-lhe o pau e atira-o longe. Jansu olhou um instante indolente, mas agora que percebeu que Quinquem se dispunha a apANHÁ-lo, passou-lhe à frente e alcançou o pau, que ficou furejando. Então o menino apANHOU o pau, fez com que o cachorro o tomasse entre os dentes e o trouxesse até o local de onde o havia tirado. Repetiu a lição, mas não foi preciso acompanhar mais Jansu, pois este, um momento após, lhe traza de volta o brinquedo. Então Quinquem foi para a margem do rio e jogou o pau na água. O cão, já treinado, lançou-se-lhe logo ao encalço. Segura, Jansu e Vouk, camadas da paranga, interessaram-se imediatamente pelo novo brinquedo. Vieram para a margem onde galhos ao rio para Jansu pegar, enquanto o frate ia rolando água abaixo.

Joana esperava esse momento, meio oculta entre a casaria da margem. Então pôs-se a correr distanciadamente, acompanhando a paranga até que, na primeira curva, se lançou na água e a trouxe para terra. Enxada sobra de uma moça, tirou o espelho de ouriço e com ele começou a desenhá-lo e a escrever sobre a curva. O maravilha! O espelho trazia aquela superfície verde melhor que uma pena riscar um papel!

E Joana pôs mãos à obra: desenhou primeiro um grupo de casinhas ao lado das quais escreveu a palavra "Povoado"; depois, partindo dessas casinhas, desenhou flechas indicando uma direção até atravessar um longo rio ao qual escreveu — "Rio das Mortes", e muitas outras flechas acompanhando esse rio pela margem esquerda até encontrar outro rio, sobre o qual escreveu — "Rio Nodori". Desenhou, em seguida, uma flecha atravessando o Rio Nodori e depois muitas árvores entre as quais escreveu a palavra "embocada" mais de uma vez. Novas flechas indicavam o caminho até a aldeia dos Xavante no meio da qual escreveu o nome de Quinquim. Atrás da aldeia desenhou simplesmente, com linhas curvas, umas montanhas, sobre as quais escreveu as palavras — "Serra Azul". Constatou, então, satisfeita a mensagem, que está assim:



Nenhuma pessoa inteligente deixaria de entender o seu recado. Só então notou que o céu ficava escuro e que grandes pingos de chuva começaram a cair.

Joana deu por terminada a tarefa. Levantou-se, atirou a perunga na água e ficou olhando-a deslizar, até que a perdeu de vista. Então fez um gesto de adeus e disse:

— Deus te guie, perunga abençoada! Rio, seja bondoso! Leve esta perunga até nossos amigos! Chuva, seja bondosa! Ajude o rio a levá-la depressa!



*Ainda estava a paranga d'água e ficou olhando-a
deslizar até que a perdeu de vista.*

Como se levasse atordado a seu rogo, a chuva desabou violenta. Joana correu até onde se achava o bando de meninos e chamou Quinquim.

Quando todos se recolheram à aléia, o aguacero já era torrencial.

É das bandas da Serra Azul, visita um barulho de cachoeira...



XVIII

A PAPA-COVO

Choveu, choveu e choveu o dia inteiro. À noite, enquanto Quinquim dormia de roscas, na sua rede, e a chuva caía lá fora copiosamente, Joana se entregava a pensamentos desconcentrados. Uma grande esperança esboia seu corpo. De vez em quando, porém, uma dúvida a inquietava: a mensagem chegaria ao seu destino? Com a escuridão, a perunga não seria expurrada para a margem e esbafada em gravetos e poas que sempre se encontram ao longo dos rios? Mas logo um pensamento agradável alivia sua alma: com a violência do tempo e o volume de água que desabara

da serra, aumentara muito a velocidade da corrente. E uma barragem tão alta não poderia encalhar numa correnteza tão forte!

Mal ouvira esse bom pressentimento, Quisquim deu um grito mais alto que nas outras noites:

— Mãe! Ô mãe!

Joana acudiu-o, tapando-lhe a boca com a mão:

— Não grite, Quisquim! Estás aqui! Fazer queinho, que lhe conte o resto da história de Carumbé.

Mas tinha levado um susto! Friamente o barulho da chuva abafava muitos outros ruídos, e o sono dos selvagens é pesado. . .

Joana, então, continuou sua história:

— Como lhe contei, Carumbé ia navegando conforme lhe dava na cabeça: ora navegava de costas, ora de frente. E assim foi descendo e rio, foi descendo, descendo até que avistou um pé de taperebá, vergado ao peso de frutos maduros.

— Tupã está me ajudando! exclamou ele, porque plantei este taperebazeiro no meu canudo! Vamos apertar para colher alguns frutos. O chão deve estar úmido. Estou com fome e tenho o direito de comer, que hoje já naveguei muito.

Carumbé se dirigiu, então, para a margem e pousou no seco. Viu logo o chão farrado de frutos e ficou contente. Mal provou alguns, disse:

— Bem. Estou satisfeito. Não se deve comer até estufar a barriga. Fica feio, disse ele, esquecido de que barriga de jabuti, apertada ao caso, não poderia estufar.

A verdade, porém, é que os frutos estavam apodrecidos. Nisso um bando de japira pousou no taperebazeiro. Carumbé se encheu de inveja e perseguiu:

— Aquelles fchandoz é que comem frutos saboneros, mudaninhos, sem gosto de passados. E teve uma vontade douda de provar daqueles. Para isso, dirigiu-se a um dos pinheiros e pediu-lhe cantarelando.

— Japim, japim,
meu coração!
Olha para mim,
que criei no chão. . .

O japim olhou e saltou um trinado que era uma verdadeira gargalhada. O resto do bando ouvira também e logo caiu, sobre Carumbé, uma chuva de risos. Ele regatou-se a mim não poder lamentando usar um certo tipo apertado. . . Quando, afinal, acabou de comer, despediu-se:

— Adeus, amigos, muito obrigado. Quando eu voltar do fim do mundo hei de trazer-lhes ricos presentes!

Os japim ficaram dando as suas trinadas festivas e Carumbé se pôs a caminhar pela margem, falando com seus irmãos, como se fossem irmãos!

— E. . . Agora vamos caminhando um pouco a pé, para fazer a digestão. Minha mãe sempre me recomendou não molhar os pés depois da comida, de roumatismo no pé.

Logo adiante via, numa árvore, vários compêndios que pareciam enormes frutos pendurados.

— Olá! exclamou. Os amigos japim moram por aqui!

Estava ainda contemplando os frutos, quando via uma coisa como um cipó mecido, subindo pelo tronco. Carumbé espantou-se e perguntou:

— Olá, cipó! Quem o criou e a se mexer?

— Não sou cipó, respondeu-lhe a coisa.

— Ah! então só pode ser a cobra cipó, de que minha mãe me falou. Fazer em conhecê-la!

— Não sou cobra-cipó! Sou a papa-ovo!

— Papa-ovo?

— Sim, a caríssima papa-ovo, tanto que venho aqui papar os ovos do japim.

Carumbé tinha o coração doado como um coração de
água e resolveu fazer o possível para salvar os futuros
japonesinhos...

Óra, que idêia, dona Carinana! Não faça isso!
A senhora não sabe que ovo de japim escoura a barriga
de quem come?

- - Já comi muitos: não me fazem mal nenhum,
respondeu a carinana de lenguiça de fora, ao mesmo
tempo em que alcançava um galho, na porta do qual
se achava penderado um nabo de japim.

Vendo que sua mentira não dera resultado, Ca-
rumbé resolveu apelar para os sentimentos humanári-
stas da cobra. E falou:

— Ó dona Carinana! Mas será que a senhora
tem coragem?!

A carinana, porém, sem o deusar acabar a frase:

— Tenho coragem, sim. Agora nunca me fez
mal.

— Não é isso que eu quero dizer! O que eu quero
dizer... Carumbé estava atropalhado para explicar-se.
E a carinana era impecante:

— Diga logo o que quer dizer!

— Quero dizer, dona Carinana, que a senhora,
sendo tão bondosa como todos sabem, não há de ter co-
ragem de matar essas criancinhas.

— Que criancinhas, bobo?

— Os ovos! Então os ovos não são crianças?

— Ovos são ovos, isso é que eu sei.

— Como assim? Então os ovos da senhora não
são suas crianças?

— Mas eu sou incapaz de comer os meus ovos!

— Isso eu sei! Mas responda ao que eu estou per-
guntando: os ovos da senhora não são suas crianças?

— Meus ovos não têm comparação com ovos de
japim! Deixe de tolices! Vou comê-las porque quero
o pronto!

E quando a pava-ova ia comer os ovos do jacaré, Joana notou que o menino serrava no sono. Agora ela também podia adormecer tranquilamente. E foi o que fez.



XIX

BOM-É! BOM-É!

CRIAS violentas se desencadearam ainda por alguns dias. O rio rolava agora suas águas com um barulho surdo e ininterrupto. E o tempo não dava esperanças de melhorar. Joana relevo quanto pôde Quinquim na oca, rezando que ele se refreasse, sob o aguacero. O menino, porém, se mostrava tão triste, com saudade de seu pai e da vida nos garimpos, que ela acabou dando-lhe alguma liberdade para que ele se divertisse com seus novos amigos.

Assim que a chuva diminuiu um pouco, Quinquim chamou Jaraquá, a abrir um repasto para as águas correrem. E foi uma festa! Todos os corações queriam ajudar a fazer o riacho, numa doce alegria. Como não possuíam propriamente brinquedos, era sempre preciso levantar alguma coisa e Quinquim não encontrava a menor dificuldade nisso. Dessa forma ia conquistando a simpatia e mesmo a amizade dos pequenos Xavante,

com a mesma facilidade com que soubera cativar o coração das redes pauperescaes.

Agora, amotina-se mais cedo. Logo que a tarde caia, uma profunda escuridão invadia as ruas. E não havia outro remédio senão tratar de dormir.

Antes que chegasse a madrugada, no entanto, Quersa já dava a seu alarmo de sempre. Joana não se separava mais com seus temores. Arrastava-a, confortava-o entusiasmamente, e logo lhe propunha a continuação da história de Carumbé. O mesmo, que era doado não por histerias, acotovelava-se na rede, disposto a ouvir. Queria que a profetisa revelasse o que se passava com Carumbé e seu encontro com a dona Camarara. Ia e ia atredia a sua pedida, dizendo:

— Carumbé via a papaveza mampulha de cabeça no pedestalinho do japon e havia muita affeição re-didida! Queria correr para abraçar os anjos, mas quem dá que Camarara pôde correr? Queria gritar chamando por eles, mas seu grão era fraco e não ia muito longe. Estava pois, sem argumentos, quando recebeu uma cruza extraordinária: os japões, como se fossem todos acendidos, surgiam em numeroso bando, e caíam, como flechas, como raios singulares, sobre a perversa camarara. Esta, que estava com a metade do corpo para fora do ninho, não teve tempo para salvar-se e dilacerou-se com suas próprias botas. Elles, então, a força de poderosos braços, partiram-lhe a espinha, pararam-na e deitaram-na em do lado como um verdadeiro trapo.

A malvada havia recebido o castigo que merecia. Agora a sua papaveza vem de agora! Arrastava ainda algum tempo aquella metade do corpo mutilado, até que morresse sem deixar sequelas.

Carumbé, que a tudo assistia emocionado, olhou attontada nas contorções da agonia, lembrou-se de que lá pouco distante a sua tio malandona, e não se contive. Chegou perto e berrou:

— Eu não lhe disse, dona Caruará, que ovo de japim estava barriga?

A casinara não pôde mais responder, mas naturalmente já se convençera dessa verdade.

Caruaré olhou, então, para o alto, e elogiou os japims:

— Bde serviço, amigos! Mas me digam uma coisa: como foi que acuberam do que se passava?

Um dos japims respondeu:

— Olhe mais para cima: o que é aquilo?

— Um vespertino, disse Caruaré, sem compreender.

— Pois foram as vespas que nos avisaram. Você não sabe que elas são nossas comadres? Não sabe que só fazemos ninhos próximos delas?

Caruaré não sabia nada e estava surpreso. O japim continuou:

— Nossas comadres é que vigiam nossas ninhadas. E lhe contou muitos outros episódios interessantes em que os inteligentes insetos haviam salvo os japims e seus filhotes da malícia de ferozes laborantes da mata virgem.

Caruaré se distraía um bocadinho com a conversa; de repente, porém, achou que devia prosseguir em sua viagem e despedia-se, dizendo:

— Bom, meus amigos, preciso ir chegando. Até a volta, se Tupá quiser. Não me esqueçam! do presente que lhes prometi para daqui a algum tempo, quando vier do fim do mundo.

Os japims, que sabiam arredar os olhos para os pássaros mas têm um canto próprio, voltaram para o tapereba-seiro, cantando:

— Bom-é! Bom-é! Bom-é!

E como, quando se sentia alegre, virava poeta sem querer, Caruaré cantou logo este versinho.

— *Papa-ave não curia
conselho de Carandé.
E em vez de ovo, o que vai?
Bom-é! Bom-é! Bom-é!*

E se atentos pensando que, de fato, bom é que a maldade receba seu castigo... Bom é que haja amigos que se lembrem da gente... Bom é que exista alegria neste mundo... Bom é que as crianças cresçam querendo bem aos animais... Bom é que os animais se façam queridos dos humanos... Bom é que os divertam com suas aventuras animadas...

Nesse ponto da narrativa, Joana percebeu que Quisquã já não estava entendendo mais a história. Foi, então, repetindo, cada vez mais baixinho:

— Bom é!... Bom é!... Bom é, bom é... Até que ele adormeceu profundamente.

Chegara a sua vez de dormir sossegada.



XX

OS CEM CAVALEIROS

E MQUANTO essas coisas se passavam na taba dos Xavante, os cem cavaleiros que tornara em socorro de Joana Borora e Quisquã tinham achado a pista dos raptos e atravessado o Rio das Mortes. Essa

travessia fora penosa e durara um dia inteiro, devido às cargas de mantimentos, armas, munições e barracas.

Ào amanhecer do outro dia, todos prosseguiram viagem pela margem esquerda, sempre camuflando no sentido da corrente. De vez em quando, porém, eram obrigados a desviar-se e entrar pelo mato, porque nas cercanias do rio havia camacanas impenetráveis e alagadiços produzidos por charcos recentes. Isso era causa de certo aborrecimento pois atrasava muito a marcha do bando.

Afinal, após alguns dias de caminhada, avistaram o Rio Needon, sempre encontrando pegadas de bueiros pela areia ou no chão enlameado e, entre essas marcas, outras menores que atribuíam a Joana Boeira. Essas descobertas criavam de ansiedade os homens.

— Estamos no ramo direito, disse Nico Manoel. Não deu mais dias e encontraremos a aldeia.

Só Quercas Verdão não participava do entusiasmo geral. Não podia ter certeza de que seu filho ainda vivesse: não havia descoberto a marca de seus pés sobre a areia alguma? Tinha ele sido levado em cano dilacerado? Mas, nesse caso, seus raptores não eram Xavantes, cujas aldeias, segundo se sabia, se espalhavam numa vasta área, à esquerda do Rio das Mortes. Para onde teria sido levado o querido Quaquem?

Estes pensamentos martirizavam o desolado pai. Só o irmão de Chico Fongê lhe valia de consolo.

— Ora, homem? O menino foi levado com a professora, esqueçava-lhe o rio.

— Mas onde estão as pegadas do pobrezinho?

Chico Fongê não sabia das pegadas mas sem por isso se mostrou atabalhado. E explicou logo:

— Então você pensa que Quaquem, valente como é, iria seguir os índios sem lutar? Será que você não conhece o seu filho?

— Conheço, conheço... Mas que tem isso?

— Tem muita coisa... um menino da força dele

não vai contra a vontade a parte alguma. Só carregado a nuque. E foi o que se deu: ele foi carregado e por isso não se acham as marcas de seus pés, compreendem?

Quisias Vendacio recebia essas palavras do amigo como presentes do céu. E ficava mais alegre. Chico Pongá, porém, mal acabava de tranquilizá-lo, sentia o coração apertar de ansiedade, pois também ele recorria a sorte daquele companheirinho tão querido de todos.

Só Deus, em verdade, poderia saber o que fora feito do menino!

De súbito, um dia, José Fiquete, que ia à frente, afrouxa o animal e avisa:

— Cuiu alguma tromba-d'água na serra, porque o Nondori está cheio de meter medo! Olhem lá!

Os cavalheiros estacaram e fixaram os olhos: à distância o rio parecia tão largo que mal era possível distinguir a outra margem. O espetáculo era sobeiro mas rachou de novas apreensões o coração de todos...

— Mau! Mau! lamentou Nico Mascó. Assim não poderemos atravessar... E essas enchentes do sertão não acabam tão cedo! Em que mês estamos?

José Fiquete respondeu:

— Janeiro, estamos a 15 de janeiro.

— Deus nos acuda! exclamou Nico Mascó, abrindo os olhos, preocupadíssimo. Então a estação das águas já começou. O diâvio vai continuar. Agora não há outro remédio senão acampar por aqui e esperar que Deus tenha pena da gente...

A suas palavras seguiu-se uma exclamação geral de desalentamento.

Chico Pongá perguntou:

— Será que não podemos atravessar assim mesmo?

Ele era bom mergulhador e não temia nem o volume das águas nem a força da correnteza.

— Podemos sim! concordou logo Quisias Vendacio, que estava com o coração saltando no peito para

passar o rio e seguir os rastros dos Xavante pela outra banda.

Nico Manco, porém, discordou com energia:

— Vamos deixar de loucuras, meus amigos. Como é possível atravessar esse mar com tantos cavalos e tanta carga? Nós viemos aqui para morrer à laia, ou para salvar outras vidas? Estamos arriscando a existência, é verdade. Mas sem por isso devemos por lá a nossa própria, não acham? Juana Boa e Quinquim exporiam por nós. Devemos lutar por nossa vida para que não nos esperem em vão.

A reação dos homens acabou logo suas razões. E Chico Fongí e Quincas Vendado, embora não empunhados em fazer a travessia de qualquer maneira, não tiveram outro remédio senão concordar com eles.

Em vista dessa resolução, apressaram todos e escolheram um lugar onde pudessem acampar o acampamento. José Piquete e outros garimpeiros saíram à cata de frutos e cocos de curatá e catolé, cujas palmeiras existiam pelas redondezas.

Nico Manco, porém, avisou-os:

— Não façam fogo nem cacem a tiro, para não atrair a atenção dos Xavante, que podem estar por perto...

Parece que ele estava advertindo os ávoros mais altos, do outro lado do rio, o olhar agudo dos vigas Xavante já tinha descoberto o acampamento dos brancos.

Chico Fongí trouxera, então, uma rede que trouxera pendurada à sela de seu cavalo e prometeu:

— Sabem que man? Para matar o tempo, vou pescar uns peixes para o nosso jantar.

E rumou para as barrancas do rio.



XXI

O GUARDA-CHUVA DO TABUTI

No decorrer da manhã, a chuva não cessou, e ainda estava a tarde e continuou pela noite adentro. Lá pelas tantas, Quinquim arreou o berrido de sempre e Joana tratou de aquietá-lo como costumava, continuando a contar-lhe a sua história:

— Então, Carumbé, depois de se despedir pela segunda vez de seus amigos papais, repetindo-lhes a promessa de presentes e mais presentes para quando voltasse do fim do mundo, resolveu navegar de novo, assim cansava-se menos e andava mais depressa. E caiu na água.

O tempo estava escuro. O céu transformado. O vento começava a jogar terra nos seus olhos e orelhas. O trovão rolava, az altura, de um lado para o outro. E ele tentou que a chuva desabasse.

Carumbé, a princípio, achou divertido aquele passeio aquático, sob as árvores nubladas, que discurriam agitando os galhos, as copas desganhadas, sacudidas pelo vento. Mas, em breve, caiu um aguaceiro grosso de que ele não gostou muito.

— Bem, vamos abrir o guarda-chuva, lembrou ele. Esbriguei a cabeça debaixo do casco, que é, como se sabe, meu guarda-chuva natural.

Quando, porém, o rio cruzou, a velocidade da água aumentou e pesados galhos começaram a cair desprendidos pela ventania. Carumbé foi ficando menos contente. De súbito, um ramo tombou e colheu-lhe o casco em cheio, obrigando-o a dar um mergulho profundo e inesperado. Assim que voltou à tona, exclamou:

— Oh! Se este galho me pega a cabeça, adeus pensamentos!

A tempestade aumentava de furor, galhos de todo tamanho desciam, levados pela correnteza, empurrando Carumbé que nem podia, lá vora, endireitar-se, virando aos trancos e barrancos, ora de costas, ora de frente, ora de banda, ora no fundo, ora à flor das águas.

O bombardeio da tormenta era tão terrível que Carumbé não tinha sequer tempo para pensar o que fazer. A floresta estava tão escura que ele seria incapaz de enxergar até as próprias pernas, se por acaso tivesse pernas.

Não, um relâmpago clareou tudo, como se a mata se houvesse incendiado, e Carumbé viu passar, ao seu lado, um capim grosso que poderia servi-lhe de apoio. Agarrou-o embo, com unhas e dentes e ficou orgulhoso:

— Oh! Ainda há quem diga que não sou esperto! Agora não largarei este capim e já vou ver de que lado fica a terra. Vamos donar de navegações com mau tempo, senão meu barco pode naufragar, e não vejo o fim do mundo!

O capim, porém, não estava agarrado à terra, como ele supusera, e eis que começou a arrastar Carumbé, numa velocidade mais incrível que a da própria correnteza.

Carumbé foi sentido uma coisa esquisita, parecida com pavor, e resolveu indagar:

— Capim! O capim! Que presa é essa?

O capim não lhe deu confiança. E continuou a correr em silêncio. Carumbé insistiu:

— Capim! O capim! De que terra você foi arrancado?

Não obteve resposta. Então, perdendo a esperança de explicar aquele mistério, Carumbé pensou em largar o capim, mas teve ainda mais medo de se ver só de toda. E donde iria parar? Estava apavorado!

Essa viagem vertiginosa continuou por muito tempo e Carumbé deve ter perdido o acordo de si, pois, quando pôde novamente examinar o local em que se achava, a tempestade havia passado e o capim havia sumido:

— Ahn! Aquelle capim corria tanto que parece que ia tirar o pau da floresta. Será que ele chegou a tempo de salvar o coltado?!

Mal sabia que o tal capim, que o rebocara rio abaixo, era, nada mais nada menos, que uma das cerdas ou barbilhões de um sarubim, o maior e o mais valioso dos peixes do rio.

Carumbé olhou para cima e viu o céu aberto, sem copas de árvores. E admirou-se:

— Gentil! Que foi feito da floresta?

Olhou para a frente e só via água. Olhou para a esquerda e só via água. Olhou para a direita e só via água. Olhou para trás e só via água... Então ficou assombrado:

— Oh! Como é que a terra se acabou? Será que já chegamos ao fim do mundo?

Se fosse outro qualquer bicho menos esperto, pensaria que, realmente, ali terminava o mundo. Mas Carumbé aprendeu a usar a inteligência. E vendo que a água corria numa direção, concluiu:

— Bem, se esta água está correndo, com certeza é um rio maior e vai para algum lugar. Por vamos para lá.

Mal sabia que era o Rio Amazonas, o rio-mar, o

maior de todos os outros rios do Brasil e um dos maiores do mundo!

Assim pensando, acertou o leme, soltou os remos, e começou a navegar à deriva, isto é, ao sabor da corrente. Um bando de arara-carinhós passava ao alto. Carumbé ficou encantado as belas aves de peito amarelado e asas vermelhas e gritou:

— Ohá! Ohá! Ohá!

Uma delas babou sobre ele, fazendo um vôo picado. Carumbé encurtaram-se e recitou-lhe logo um versinho:

— Carinhó?
Fui quem é?
Pois sou eu,
Carumbé. . .

Mas a arara-carinhó, sacudindo as asas, gritou-lhe:

— Arara! Arara!

Achando que era desadoro, Carumbé replicou:

— Arara é você! Então você não se conhece?

E enquanto a arara, juntando-se ao bando, com de tanta ao horizonte, Carumbé conversava consigo mesmo:

— Neste mundo, há bichos capazes de tudo!

Aí o sol afundou nas águas e a noite veio vindo. Carumbé começou a contar as estrelas, mas em breve perdeu a conta. De repente, porém, teve uma grande alegria: de um lado, o céu ia-se iluminando, lentamente. . . Copas de coqueiros iam aparecendo e, rente a uma delas, surgiu uma luz enorme!

— Ohá! . . . Nunca vi coisa tão grande! bradou ele. Tapá está me ajudando. Vou apertar de novo que são horas de dormir.

Assim dizendo, dirigiu-se para aquele lado e pouco depois estava em terra firme. Encolheu-se, então,

dentro do casco, que era sua rede natural, e ferrou no sono.

Quando Iouana chegou a esse ponto, foi também para a sua rede, porque verificou que Quinquém já estava dormindo....



XXII

OS VICIAS XAVANTE

A cheverada ameaçava não parar tão cedo. Iouana Borora sabia disso, tão bem como Nico Branco e os habitantes daquele sertão. A estação das águas é um diávio menor, porém mais demorado que o de Nodjara moen, e é preciso ter paciência para suportá-la...

Na situação da professora, a paciência é difícil mas indispensável. Por isso, naquela dia, ela despertara muito apreensiva. E só tinha pensamentos desanimadores e tristes. A chuva, que lhe parecia explodida para impelir a paisagem mais depressa rio abaixo, poderia também impedir que seus amigos a encontrassem, pois o terreno escharnado se torna impraticável para a caminhada de uma expedição numerosa, como seria certamente a organizada em socorro dela.

Ao cair da noite, recolhida à cama, sua apreensão aumentou. Embalsava a rede de Quinquém, quando ou-

via a voz retumbante do cacique, que perguntava aos vigas recém-chegados da mata

— Os brancos ainda continuam arranchados do outro lado do rio?

— Não, cacique. Hoje, pela manhã, não os vimos mais. Retiraram-se de madrugada.

— Que rumo tomam seguidos?

— Voltariam para trás, com certeza.

— E preciso continuar a vigiar. Quando a crechente passar eles voltarão para arrastar o rio. Então todos a põem?

— No alto de cada árvore há um Xavante à espreita, cacique!

Joana ficou com o coração sobrecarregado. Ela sabia que os brancos haviam acampado nas vizinhanças da taba. E isso lhe causava enorme alegria. Mas, ao mesmo tempo que tinha conhecimento de tal notícia, ficava sabendo que haviam levantado acampamento e saído da vista dos vigas Xavante. Como explicar esse fato? Deveria perder as esperanças de que lhes chegasse algum socorro?

De repente, porém, fez uma pergunta a si mesma: que rio seria aquele perto ao qual os brancos se arrancharam? só podia ser o Moudon e justamente na margem direita, porque os fugres estavam à espreita na mata que ficava à margem esquerda. Mas por que tinham levantado acampamento e voltado? por causa da crechente? mas não teria sido a crechente que, impedindo-lhes a marcha, os obrigara a acampar?

Foi então, que lhe ocorreu uma explicação muito agradável: quem sabe se alguém não teria parecido a parungu e decifrado a mensagem? Se isso explicaria a mudança de rumo. Ela não estaria tudo embora e sem dando uma volta a fim de se livrar das emboscadas e espantar os Xavante desprevenidos. Esta idéia aliviou-lhe o coração, mas assim mesmo não dormiu, pois já devia ser bem tarde e precisava esperar acordada

que Quinquim desse o sinal de espanto de todas as noites.

Não tardou muito e o esperado aconteceu: o menino acordou gritando e Joana convenceu-o acalmando-o e prometendo-lhe a continuação da história de Carumbé.



XXIII

O FIM DO MUNDO

— **C** ONTINUA em lhe ia dizendo então, Carumbé, depois que alcançou a margem do grande rio, como se sentisse morto de cansaço, deixou num sono pesado. Lá pelas tantas, apareceu o seu montado num porco-do-mato. Aproximou-se dele, apertou e disse ao animal.

— Pode ir embora, meu cavalo. Agora vou descansar por aqui e tirar umas baforadas de meu cachimbo.

E assim dizendo, sentou-se em cima do Carumbé, pensando que era uma pedra. Cruzou a direita para que coincidesse com a outra que faltava, bateu duas pedrinhas até ficar falsa, acendeu o cachimbinho e ficou tirando baforadas que não acabavam mais.

A medida que puxava, as brumas iam caindo em

torno ao jatuzi até que uma culia tão leve à sua carga escolhida que quase o queimou.

Carumbé acordou assustado. Quis recuar, para evitar que a brasa o chamuscasse, mas quem diz que podia?

— Misericórdia! Como estou perdido! comentou ele em voz alta, certo de que estava sozinho.

Mas não estava. Saci surgiu-o, levantou-se imediatamente, examinou-o à luz do cachimbo e disse lamentando o seu engano:

— Desculpe-me! Penasi que você fosse uma pedra.

Reconhecendo o saci, Carumbé domarchou-se em amabilidades:

— Ah! desculpe-me não o haver reconhecido. Sente-se sem cerimônia. Faça de conta que esta cadeira é sua.

— Não, obrigado. Estive sentado muito tempo. Quer tirar umas brechas? perguntou saci, oferecendo-lhe o cachimbo.

— Agradecido. Não fumo. Quem fuma perde tempo e na tendo mais o que fazer!

— Quer dizer que o amigo está empreendendo uma grande obra... respondeu o saci, curioso.

— Não, uma grande viagem, explicou Carumbé.

— Pode-se saber para onde?

— Certo não? Vou ao fim do mundo.

Saci deu uma risadinha aguda como um assobio de vaia, e perguntou, ainda:

— Ao fim do mundo? E sabe onde fica?

— Bem, onde fica não sei. O senhor, que sabe tudo, é que poderia ensinar-me.

— Poder eu posso. Mas depende...

— Depende de quê? Não compreendo...

— Sen, depende do caminho que você seguir.

Carumbé estava de boca aberta! E o saci, percebendo a sua surpresa, continuou a explicar:

— Sen, se você sair daqui e seguir em linha reta,

mas bem retilha, sem qualquer caminho e sem respeitar barreira de mato, água ou montanha, o fim do mundo é aqui mesmo.

— Como? Que é que o senhor disse? O fim é no princípio? perguntou Carumbé, cada vez mais enbaixado.

— Isso mesmo, mistiu o saci. O fim será no princípio. Agora, se você querhar caminho, der a volta às montanhas, decidir-se do curso dos rios que vão à sua frente, para seguir outros, que correm para outros lados, então o fim do mundo é muito mais longe.

Carumbé continuava na mesma, e confessou que estava completamente tonto com a explanação. Foi quando o saci resolveu dar um exemplo para se tornar mais claro:

— Se uma formiguinha andar pela casca de um coco, seguindo só uma direção, termina chegando no mesmo lugar, não termina?

— Termina, respondeu Carumbé.

— Pois faça de conta que você é a formiguinha e o mundo é um coco inteiro.

— Sim, mas se o mundo é um coco, onde estará o coqueiro?

— O coqueiro não aparece, está escondido no oco, finge.

— Quer dizer que o mundo é só um coco?! Fora desse coco não há mais nada?! ..

— Há, sim. Há outros e outros que ninguém pode contar; o sol, por exemplo, é um coco de fogo, a lua é um coco descaído, as estrelas são coqueiros em brasa, que parecem pequenos mas, vistas de perto, são maiores que o sol.

— E fora desses coqueiros?

— Fora desses coqueiros, há outros que não vemos...

— Quer dizer que há um por espaços de solen?

— Sim, o espaço não tem fim.

— Mas não posso compreender uma coisa que não tem fim.

— Não faz mal que você não compreenda, o espaço continua não tendo fim mesmo.

— Mas eu queria compreender...

— Não queria compreender, Carumbê! Há pensamentos grandes demais para o tamanho da sua cabeça!

E sem dar mais atenção ao jabuti, o saci despediu-se, dizendo:

— Bem, a madrugada vem vindo e eu vou indo.

Antes, porém, vou lhe dar um conselho: aprenda a lidar com o bicho mais perigoso do mundo!

— Com o jacaré?

— Não, o jacaré é um peixe coitado!

— A anta?

— Qual! A anta é a minha montaria!

— A onça?

— A onça, nada! A onça é um carneiro.

— Então já sei: é a sacari quebra-ossos!

— Não, esta só aponta quem é mais bobo que ela.

— Então não sei...

— É o bicho homem! Um bicho que anda sobre dois pés e se parece com o macaco mas não é peludo.

Nesse momento, um relâmpago iluminou a cabana e Joana Borora percebeu que Quilquém dormia.

Então, enrolando-se na sua rede, adormeceu também.



XXIV

O AMIGO-DA-ONÇA

QUANTO, naquele dia, assisteu, Joana Borosa, cada vez mais preocupada com a sorte que teriam o pai de Quinquim e seus amigos da Posseira, recolheu-se à cabana cedo, mas não conseguiu dormir. Quinquim, ao contrário, entalado pelo barulho da chuva, que continuava a cair, mal se deitou na rede, começou a rousar. Antes da madrugada, porém, um trovão muito forte acordou-a. E ele começou a chorar, chamando pela mãe. A professora, sempre atenta, trouxe logo de acalenta-lo, dizendo:

— Não chore, Quinquim. Vou continuar a contar-lhe a história de João Carumbé, que estava à margem do Rio Amazonas, conversando com o saci.

Este lhe havia aparecido montado num porco-do-mato que é, segundo a lenda, o cavalo do saci. E já estava se despedindo de Carumbé, quando se lembrou de avisá-lo que tivesse cuidado com o bicho homem! Despertou, assim, a curiosidade de Carumbé, que não o deixou partir archedo-o de perguntas e mais perguntas:

— Mas será que esse bicho é tão perigoso assim?

— Se é! respondeu o saci.

— Por quê? Ele é mais forte que a onça?

— Não, Carumbé, continuou o saci. Forte ele não é. Mas fica.

Carumbé, que estava todo arrepiado dentro da cerca, tamanho era o medo que sentia do bicho homem, insistiu:

— Como, saci?

— Por causa das armas que inventa. É o único bicho inventor. Veja você, os outros têm garras, chifres, dentes, bocas, escudos, peçonha, ferrão, setas e outras armas naturais para atacar e se defenderem. O bicho homem, porém, inventa coisas mais fortes e mais terríveis e dá cabo de todos eles. Portanto, atenção com ele! Precisa muito cuidado.

— Então eu tenho, medêndo à parte, saci.

— Então não precisa ter mais nada.

— Nem medo?

— Nem medo! Só precisa ter cuidado. Todo cuidado é pouco.

— Fique descansado, amigo saci.

— Então, até um dia!

Aiá... e obrigado pela lição!

— Por isso não tem de que...

Saci moveu dois dedos na boca. Ouvindo-se um longo suspiro e, quase no mesmo instante, surgiu o porco-da-mato. Saci deu um salto, caiu na grama dele e saiu numa carreira desabalada, trilhando o caminho com seu cachorrbicho coqueleto. E sarra.

Carumbé ficou meditando sobre aquela conversa. Que lição extraordinária receberei! Podia considerá-lo, agora, diplomado em sabedoria!

— Que tolo eu era! disse consigo. O fim do mundo é lá em casa mesmo! Mas não faz mal. Isso não tem importância: vou continuar minha viagem ao contrário, andando do fim para o princípio.

Mai pensara isso quando viu, no brechinho da

madrugada, aproximar-se uma onça da beira do rio. Gelado de pavor, murmurou em segredo:

— Olé! É a hora da onça beber água! Se ela me vê, adeus bela viagem!

Dito e feito! A onça mal bebeu, voltou-se e deu com Carumbé. Deu um milão de satisfação, lambendo as beirinhas e espicou os bigodes no ar, cumprimentando-a:

— Olé! Feliz encontro! Bom-dia!

Tremendo por dentro, Carumbé respondeu, com um pigarro:

Bom-dia, minha amiga!

— Amiga? perguntou a onça, espantada. Quem já viu onça amiga de jabuti? Amiga de comê-lo é o que você quer dizer, não é?

— Logo vi que a senhora estava enganada. Eu não me chamo jabuti, eu me chamo Carumbé!

— Não vejo diferença nenhuma! é um testudo como os outros.

— A diferença... a diferença... disse Carumbé, afastando-se para trás. A diferença é que... eu... Carumbé... sou o maior amigo-da-onça!

— Amigo-da-onça, não é? Amigo-da-onça, não é? perguntou ela avançando, enquanto ele recuava.

Nunca, na sua vida, Carumbé andara tão depressa em marcha à ré.

Quando a onça arrou o pelo para pegá-lo, uma coiba passou zurrando por cima dele e foi cair-se na garganta da malhada. Ela saltou um milão espantada, saltando para trás. Imediatamente surgiu um índio e meteu-lhe uma conchuda larga, com ponta de osso, na barriga. A fera tentou defender-se mas foi inútil. Quando, afinal, baqueou vencida, Carumbé, que assistira à lata encalhadinha em seus estudos, suspirou aliviado e recitou um versinho:

— Eu bem que ardei,
você se fez de toston!
Eu fui, sou e serei
um grande amigo-de-onça...

O índio, vendo Curumbé, abaixou-se e apunhou-o,
dando satírdias:

— Vou levá-lo para Guasumbi...

Motou-o num baquiê que trada la costas e voltou
à cabana, arrastando a onça pela cauda.

É foi assim que Curumbé conheceu o homem e se
tornou companheiro de mil aventuras de Guasumbi, o
corajoso mais valente da tribo.

Aqui Joana interrompeu a história porque Quir-
quem dormia de novo.



XXV

A PURUNÇA INSENADA

PASSARAM-se dias e noites, muitas noites e muitos
dias. Joana Botora se enchia de esperanças quan-
do o tempo melhorava.

— Ah! pensava ela. Agora o rio vai baixar. O
sol vai enxugar a terra e os nossos amigos brancos apa-
recerão, quando menos se esperava...

As chuvas, porém, voltavam e o desespero tomava

costa dela novamente. Olhava, então, o céu pesado e indagava:

— Será que esse diabo não acaba?

Todas as noites, sem faltar uma que fosse, contava ela mil aventuras do Carumbé com seu companheiro inseparável o carumim Quaquim. Quinquim se mostrava cada vez mais interessado por aquela história sem fim, e isso era um consolo para Joana que tanto se preocupava em salvar o menino dos perigos que os ameaçavam. Ele estava se curando de seus terríveis noturnos e não dava mais gritos na calada da noite. Acordava apenas e pedia balaíste:

— A senhora quer continuar a história de Carumbé?

Joana, agora, às vezes, nem se levantava; sentava-se na rede e, com toda a ternura, contava, contava, até que ele dormia de novo.

Já fazia mais de três meses que estavam prisioneiros quando o tempo ficou firme, o céu clareou de uma vez e o rio começou a falar. Com os raios de sol entravam novas esperanças no coração daquela filha da alva que vivia dizendo consigo mesma, à fim de animar-se:

— Ah! meus amigos não devem tediá! Agora não há mais motivos para descora. Depois Joana apreensiva, pensando: Saberão eles livrar-se das garras da mata?...

Deus os havia de salvar e guiar até a taba Navaté!

E olhava enternecida para Quinquim. Esta, às vezes, parecia conformado com a prisão em que viviam, mas entristecia assim que a noite chegava, e indagava de Joana:

— Será que meu pai não vem nunca?

— Vem, Quinquim, como não?

— Mas quando será que ele chega?

— Quando as águas do rio baixarem de uma vez, repórta-la ela, enchendo-se de lenha.

Certa noite, porém, teve um susto: começou a circular um grande barulheiro no interior. Como já estava recolhida à casa, espica desconfiadamente e via um agrupamento em torno do cacique como nunca vira antes. Tal era a quantidade de índios, que lhe pareceram mais de quinhentos.

De repente, houve silêncio e a majestosa voz do cacique se fez ouvir:

— Mandei chamar-lhe, meus guerreiros, para preverem a todos. O rio baixou tanto que, em certos pontos, dá passagem a vao. Os brancos não de quem atravessá-lo. E preciso deixar que passem um por um. Só depois que tiverem penetrado na mata e que devem ser cercados, atacados e presos. Mas eles têm armas. De alto das árvores voam pedras sobre eles antes que possam fazer uso delas. Hoje ordeno que alguns vigiem atravessarem o rio e descubram o ponto ordinário. Amanhã tentem voltar ao caminho que pretendem fazer. Estamos entendidos?

— Lutarão, não, que' respondeu aquella multidão de índios com um ruído de trovão.

Joana ouviu aquella conversa de coração traseado. Como entendiam os brancos o ataque de tantos "Navahs"? A luta ia ser desigual: se os brancos tinham armas de fogo, os indígenas contavam com a superioridade da surpresa do ataque e do número de guerreiros — talvez dos Navahs para cada branco? Ela ignorava o número de homens que haviam deixado Pousouco para salvá-la. Mas sabia que a vila não tinha número muito elevado de habitantes e, afinal, nem todos haviam de vir em auxílio dela. — Depois, dentro da floresta, o índio era em sua casa, o que não acontece com o homem civilizado.

Quisquem naquela noite acordou mais cedo, e como sempre acontece, se dormia de novo depois que

ela lhe contou mais episódios da história de Carimbé. Joana, porém, não conseguiu "pregar" olhos, pensando na tarefa a que seria a luta dos brancos deuses da floresta desenhada, onde cada copa de árvore era um esconderijo de astuciosos guerreiros.

De manhã sua angústia aumentava. Ao sair ao terreiro com Quaquem, via um grupinho de custantans, — eram cinco ou seis meninas, colando pelo tronco uma paranga enorme, pintada com aquela cor que gravava a mensagem. Tinha o formato igual, ao a cerca é que não era verde e amarela, justamente cor de cura, como se costuma dizer. Joana sentiu-se curiosa e, embora convencida de que não podia tratar-se da mesma, aproximou-se para ver melhor. De súbito, porém, teve um baque no coração: "vira na casa o mesmo desenho que fizera na outra" Não podia haver dúvida! A paranga voltara!

De coração aos saltos, examinou atentamente o fruto: com o amadurecimento da casca, o desenho se tornara menos visível, menos nítido, mas era o mesmo, portanto a paranga não poderia deixar de ser a mesma também. Não queria dizer que de nada lhe valera a vida! Alguns dos guerreiros Kavanic a havia, por certo, pescado no rio, e trazido à tábua de novo! Seu desespero foi tão grande que as lágrimas lhe vieram aos olhos. Mas reagu ao desânimo e resolveu calar-se e matar.

Dougu-se, então, à indignação que, no momento, sobraçava a paranga e lhe disse:

— Benta paranga! Quem lhe deu?

A pequena abraçou-se com mais força ao grande fruto e respondeu, um tanto desconfiada:

— Minha mãe.

— E quem deu à tua mãe? Inveniu Joana.

— Foi o rio... o rio que trouxe... Minha mãe pegou lá... e apontava para a corrente.



*Joana dirigiu-se à indiazinha que recolhava a paranga
e disse — Recolha paranga! Querê de deus!*

— Lá? naquele porto? indagou Joana surprehendida. Não foi lá embaixo?

— Não. Foi lá em, concluiu a pequena indicando com o dedo o mesmo porto.

Estão um tumulto de pensamentos agitados a alma de Joana. Como poderia ser tudo a parangá achada num porto acima daquele em que fora lançada na correnteza? Ela mesma a viria salvar se lá embaixo, numa curva distante do rio. Aquilo era um mistério?

Dilatações sua emoção o quanto pôde e perguntou, ainda, observando de muito perto a parangá:

— Sua mãe vai fazer suas coisas ali?

— Não. Lá do para eu brincar. .

— E bonita? Grande e enfeitada? acrescentou ainda a professora, enquanto, num relance, separava cor, além das fichas que ela desenhava, indicando o retângulo que segura com os Xavanté, havia muitas outras subindo a margem esquerda do Rio Nodori até suas nascentes, na Serra Azul.

Ervas compridas e miúdas que lhe pareciam inexplicável? Aquelas novas fichas mostravam três coisas extraordinárias: primeira — os brancos haviam perdido a parangá e desviado a mensagem; segunda — haviam mudado de rumo para evitar as emboscadas, subindo a Serra Azul até dar volta às nascentes do Nodori, para atingir a almeja por outro lado; terceira — haviam desenhado novo rumo e lançado a parangá outra vez à correnteza, no desejo de evitar uma resposta à sua mensagem e, se possível, prevenir a de sua próxima chegada.

Joana Baeta sorriu profundamente. Um sorriso de felicidade humana lhe a faceonoma. E quer que o mesmo participasse de sua felicidade. Por isso voltou à oca e chamou-o:

— Quinquém! Venha cá!

O menino atendeu prontamente ao chamado. Ela apodhou-se, abraçou-o e beijou-o, exclamando:

— Louvado seja Deus, Quinquim! Estamos salvos! Seu pai vem aí...

— Heje? perguntou Quinquim, falando de contentamento.

— Heje ou amachá, respondeu ela.

— Mas como é que a senhora sabe?

— Eu recebi uma carta de Deus, explicou rindo. E como Quinquim se mostrasse intrigado e incrédulo, contou-lhe a maravilhosa aventura daquela paranga, que fizera uma viagem de ida e volta, sempre descendo o curso de um rio.

Quando Joana acabou sua narrativa, Quinquim não continha sua entusiasmo, e exclamou:

— Mas que paranga estranha!



XXVI

A CENTÉSIMA NOITE

NAQUELA noite, quem perdeu o sono foi Quinquim. Era tanta a sua alegria pensando em ver o pai, que virava para um lado e para o outro, continuamente, sem achar jeito na rede. Joana percebeu sua inquietação e resolveu distraí-lo, contando-lhe a história de Carumbá, do ponto em que ficara na véspera. E lhe disse:

— Quinquem, vou contar-lhe, agora, uma aventura incrível que fomos Carumbé fazerem em todas as tribos do sertão!

Quinquem estava com a cabeça cheia da luta que se preparava, mas, como era doente para ouvir histórias, ficou quieto e se dispôs a escutar. E Joana começou.

— Carumbé e Guaranibé, o pequenino índio que se tornara seu amigo inseparável, estavam fazendo travessuras e pegando peças aos animais na floresta. Trabalhavam peças extraordinárias! Guaranibé era alto, mas quem tinha as ideias era Carumbé. E andavam assim boazuda, quando a tribo de Guaranibé foi atacada por índios inimigos, enquanto eles passavam fora.

Os homens e as mulheres procuraram salvar-se fugindo e escondendo-se na mata. Mas o pai de Guaranibé foi levado como prisioneiro. Quando o curatim chegou de seu passeio e soube do que se passara, pôde-se a chorar e gritar como um desesperado. Vendo-o naquela aflicção Carumbé falou:

— Fique tranquilo! Vou salvar meu salvador! Chegou a vez de pagar minha dívida de gratidão!

Carumbé disse isso, porque era reconhecido ao pai de Guaranibé, que o salvara das garras da urça. Mas o curatim continuava angustiado, porque não via jeito de salvar seu pai. Carumbé também não sabia bem como seria possível, mas seu desejo era tão sincero que estava certo de conseguir alguma coisa em favor do amigo. E pensava:

— Tupã há de me ajudar.

Então, voltando-se para Guaranibé, disse-lhe:

— Pegar na pedrinha e vesta coringa. A pedrinha era uma pedra com que os índios adiantados fazem fogo.

Guaranibé, acostumado a confiar na inteligência de Carumbé, aceitou-o cegamente. E começaram, co-

micharam, caminharam segurando sempre o rosto dos inimigos, até que descobriam a taba e viam o pai de Guaranibi já amarrado ao tronco dos condenados.

— Contado de meu pai! lamentou o curumim. Será que ele não matá-lo?

— Calma, Guaranibi. Ele não vai matá-lo! Está para que os que não vieram aqui? Vão colher erva aí pelo mato e volta logo, que a noite está chegando.

Guaranibi afastou-se, deu uma busca pelas árvores e voltou, pouco depois, trazendo uma boa quantidade de erva. Carumbé, então explicou:

— Grude isso nas minhas costas e vamos esperar a noite.

Se ele mandou, Guaranibi melhor fez, de modo que o casco de caba de Carumbé ficou revestido de uma espessa camada de erva. E esperaram escurecer.

Quando era noite fechada, o jêrêti ordenou:

— Agora bata a pedreira e toque fogo nas minhas costas!

— Mas não vai queimar você? indagou o curumim, atestado.

— Já, já, não . . . só mais tarde. . .

Então Guaranibi tocou a foice e atou fogo ao costado de Carumbé, que ordenou:

— Agora me acompanhe de ruínas. E se pde o caminhar como se fosse um campo de fogo. Guaranibi o seguiu, roncando. E assim deixaram o mato e chegaram na taba onde a tribo dormia, acobardando com a vibração alcançada.

A sentinela que tomava conta do péssimo, ao ver aquela fogo aproximar-se do tronco, fugiu apavorada, gritando:

— Boitêê! Boitêê! Boitêê!

— Depressa! ordenou Carumbé novamente. Desamarrar seu pai.

A luz daquele foguinho, Guanambi consegue desatar os nós da megarana e libertar o pai. Então Carumbé acenou:

— Agora peguem terra sobre meu acão essa frot! E depois fujam, que eu irei mais tarde.

Guanambi e seu pai se abstrairam no mesmo instante e jogaram tuchos porcionados de terra sobre Carumbé que o fogo se apagou e ele ficou meio enterrado. Imediatamente os dois demandaram a correr na direção da mata e nela se afundaram.

Quando a tribo despertou, com o alarma da sentinela, já era tarde; não havia mais ninguém no morriol. E a sentinela jurava que o boriati, não é, a cobra-de-fogo, havia levado o prisioneiro.

Os índios ainda deram, inutilmente, buscas pelas redondezas, passando e repassando sobre o Carumbé, que estava transformado num montinho de terra. Acabaram, então, desistindo e foram dormir de novo. Al Carumbé sacudia a terra que estava sobre seu costado e voltou calmamente para a taba de Guanambi.

A fama de Carumbé, depois dessa aventura, correu o sertão. E lá por causa desse acontecimento que os índios começaram a contar histórias do jupati que, afinal, não era outro, senão o próprio Carumbé.

Nesse ponto, Quemque, que já estava morto de sono, perguntou:

— E Carumbé nunca mais voltou à casa dele?

— Voltou sim, quando Guanambi ficou moço e se tornou cacique de sua gente.

— Mas Carumbé chegou lá?

— Por enquanto não se pode saber porque ainda está caminhando. Agora vai nadando contra a corrente dos rios, de modo que a viagem ainda vai durar cem anos. Mas Carumbé vai satisfeito, certo de encontrar a mãe ainda jovem e suas quatorze irmãs-lheitas e algeis, embora um pouco bobas. E vai cantando:

— Foi chegando,
Xis... Xis...
Foi romando
Contra a maré...

Joana foi repetindo esses versinhos, cada vez mais suavemente, enquanto embalava a rede, até que Quinquim dormia.



XXVII

O MAIS BELO DIAMANTE

O sol apontava, domando os picos da Serra Azul, quando Joana despertou Quinquim e veio para a porta da casa agitar os negros cabelos com um pente, que ela mesma havia fabricado com espinhos de jacara, e enfeitado com penugens mullhores de passarinho.

A maloca estava deserta de homens. As mulheres e as crianças, porém, já se achavam na beira do rio Jantai, que se tornara fiel amigo dela e de Quinquim, estirara-se a seu lado. Mas, de repente, ergue a cabeça, espetou as orelhas no ar e olhou para o lado da serra. Imediatamente saiu em disparada naquela direção, mergulhando na tigüera que havia por trás da ma-

loca. Joana, que estava de coração prevenido, abraçou Quinquim:

— Januál sentia alguma novidade? Vá ver o que é.

Quando acabou de pensar-se, o cão acurava à distância, latindo furiosamente. Seus latidos atraíram as mulheres e crianças que, abandonando a água, correram para o terreno. Saguira, que vinha à frente, olhou para a terra e deu o alarme.

— Taprapagaça! Taprapagaça!

Ele queria dizer que eram cavalos e homens brancos. Mas como não conhecia cavalo, chamava esse animal de taprapagaça, isto é, coisa grande.

Um grito unânime de terror saiu da garganta das crianças, dos curumens e das curitangas no momento em que irrompiam da água dezenas de cavaleiros brancos apontando as armas para o grupo e marchando caldos. Vinham à frente Quincas Venâncio, Chico Ponga, José Pequeto e Nico Marco. Januál recuava, contatando a lutar como um doido.

As mulheres e crianças Xavante apavoradas de surpresa e sem meios de se defenderem, encucuraram apressadamente, enquanto Quinquim e Joana corriam ao encontro dos brancos.

Os cavaleiros frearam, então, os animais. E era tempo pois Quinquim se aproximara tanto que já agarrara a rêda da montaria de Quincas Venâncio, reclamando.

— Meu pai!

— Quinquim, meu filho! beabru o garimpeiro, tomado de profunda emoção. E, pondo a espingarda ao ombro, abraçou-se e segurou a mão ao menino, dizendo.

— Sabe aqui!

Quinquim não se fez de rogado. pulou e encarpitou-se na frente do pai, que o abraçou, chorando.

Nesse momento, Joana Botora alcançava o grupo e ordenava aos cavaleiros:

— Guardem as armas! Não há perigo de violência. Os homens todos estão longe, andam lá pela mata.

— A noiva espera, não é? perguntou indignado Neco Branco.

— Sim, na tocala como sempre! respondeu ela.

— Pois então vamos ao seu encontro, para lhes dar uma lição!

— Não, não devemos fazer isso. Vamos arriscar vidas à toa. O que devemos fazer é justamente o contrário: é tentar de atravessar o rio e voltar a Posseira, evitando qualquer espécie de luta.

A moça Botora como que assumira o comando dos cem cavaleiros. Quincas Vendárcio olhava para ela com os olhos cheios de surpresa e a alma transbordante de gratidão.

Voltando-se, então, para as cunhás, ainda abobalhadas com aquela epifania, ela as encorajou, dizendo na língua Xavante:

— Nada temam! Assim como vocês não nos fizeram mal nenhum, nenhum mal lhes farei os nossos amigos. Agradeçam-lhes a bondade com que sempre nos trataram. Mas peço a todas um favor: fiquem quietas até que tenhamos ido embora.

Depois, virando-se para os cavaleiros, disse, sorrindo:

— Agora eu preciso de uma roupa de civilizada e uma montaria... Quem me arranja?

Vandárcio, tirando imediatamente o poncho com que se abrigava, entregou-o à professora. Esta vestiu-o sobre a pele de maracajá e atou-o à cintura com uma cebra. Enquanto fazia isso, Chico Pongá, que apara do animal assim que corria seu pedido, entregava-lhe as rédeas, dizendo simplesmente:

— Monte.



— Não vamos arrancar nada à toa. Devemos atravessar o rio, evitando qualquer aspecto de luta.

— Obrigada, disse ela, montando. Mas o senhor, onde vai?

— Eu vou em qualquer das muitas de carga.

Mai acabou de dar esta resposta, Chico Pongá viu, no terreno, a paranga abandonada. Correu para apastá-la, exclamando:

— Brava paranga! Vou te levar contigo porque fui eu que te pesquei!

— Que vai fazer com ela? perguntou, rindo, Quinquim.

— Vou enchê-la de diamantes! respondeu ele sobrepando o precioso fruto e colocando-o numa das muitas cangueiras.

Todos riram. Mas José Pipete comentou:

— Se não fazes uma paranga...

— Vamos, então? corredeiros Joana, que estava cansada de viver na aldeia, e sabia que não devia perder tempo.

— Vamos! responderam todos.

Joana empacotou seu animal com o de Quincas Venâncio e a cavallada partiu.

— Adeus, Sagral! Adeus, Jaraquill! Adeus, Vead! gritava Quinquim agitando a mão.

Mas os três curumins não entenderam ou não tiveram ânimo de responder, tanta era a emoção da tribo.

Todos atravessaram o rio e tomaram o rumo devido. Quando já estavam muito longe da taba, Joana Borrera chamou a atenção de Quinquim:

— Olhe quem vem vindo aí...

Quinquim olhou para trás e teve uma exclamação de alegria:

— Jaraquill!

Realmente era o cachorro que vinha, de língua de fora, cansado de tanto correr para acompanhar os animais.

— É uma lembrança de suas antiguidades Xavantes, disse ela.

E como Quincas Venâncio não entendesse o que ela queria dizer, Quinquim foi explicando ao pai a história de Janau, dos capinhos de ouriço e tudo mais.

E Quincas Venâncio ia se enchendo de admiração pela professora. Num dado momento, Quinquim perguntou ao pai:

— Sabe que ela ficou sendo a minha mãe segunda?

— E? perguntou Venâncio, satisfeito.

— Agora você não precisa mais de mãe, Quinquim... disse a professora.

— Preciso, sim. A senhora não quer mais?

— Eu quero, mas não sei se seu pai aceita, explicou Joana, abanando os olhos.

— Como não hei de aceitar? perguntou Venâncio, emocionado. Como não hei de aceitar uma criatura tão boa que Deus mandou para mãe de meu filho?

Uma semana depois a Vila de Povera estava em festa: Quincas Venâncio e Joana Borera se casavam.

Foi um casamento esbofado porque Venâncio vendeu o diamante que encontrara a um falsaqueiro, isto é, a um comprador de pedras preciosas da Capital, por mais de um milhão de craticões. Pagou a José Piquete, além da parte que lhe era devida, os dez mil cruziões da aposta, e entregou a Neco Branco quantia idêntica a fim de que ele promovesse a construção de uma boa escola, na principal rua de Povera.

Após o casamento, Quincas Venâncio, Joana Borera e Quinquim partiram para a Capital. Antes, porém, Venâncio abraçou Chico Fongá e lhe disse:

— Muito obrigado por tudo. E, principalmente,



— Como não hei de aceitar uma criatura tão boa que
Deus mandou para mão de meu filho?

por me haver animado tanto! Realmente: achei um diamante que vendi por bom dinheiro e outro mais bello ainda, que não há diaboico que pague — a mãe que faltava para meu filho!

Os gaúchos despediram-se de Quinquim, dizendo-lhe:

— E agora vai embora para a Capital e nunca mais visitará os amigos, não é, seu ingrato?

— Voltarei, sim, respondeu Quinquim, abraçando a todos. Voltarei para ver vós e para dar notícias de Jansai a meus novos amigos — Sagala, Jansqui e Yará.